



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MANOEL VINICIUS GUIMARÃES OLIVEIRA

**A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO: UM OLHAR A PARTIR DA OBRA “OS DEZ  
DIAS QUE ABALARAM O MUNDO” DE JOHN REED**

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2023

MANOEL VINICIUS GUIMARÃES OLIVEIRA

**A REVOLUÇÃO RUSSA DE OUTUBRO: UM OLHAR A PARTIR DA OBRA  
“OS DEZ DIAS QUE ABALARAM OMUNDO” DE JOHN REED**

Trabalho de monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação- Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, como parte dos requisitos para obtenção da nota da disciplina de Pesquisa Histórica IV.

Orientadora: Professora Ms. Kelmã Conceição da Silva

# CONCEIÇÃO DO COITÉ

2023

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I – UMA BREVE DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>13</b>
• 1.1 SOBRE O CONCEITO DE REVOLUÇÃO E SUA AMBIVALÊNCIA.....	13
• 1.2 O SÉCULO XX E A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO.....	15
• 1.3 A REVOLUÇÃO A PARTIR DA ÓTICA DE PARTICIPANTES E OBSERVADORES.....	18
• 1.4 A REVOLUÇÃO RUSSA A PARTIR DE NOVAS BIBLIOGRAFIAS.....	25
<b>CAPÍTULO II – UTILIZAÇÃO DA FONTE, VIDA E OBRA DO AUTOR.....</b>	<b>32</b>
• 2.1 TERCEIRA GERAÇÃO DOS ANNALES.....	32
• 2.2 UTILIZAÇÃO DOS JORNAIS COMO FONTES HISTÓRICAS.....	33
• 2.3 JORNALISMO LITERÁRIO.....	37
• 2.4 VIDA E OBRA DO AUTOR.....	38
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DA OBRA OS DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO.....</b>	<b>46</b>
• 3.1 REPRESENTAÇÃO DOS ANTAGONISMOS DE CLASSE NA OBRA....	47
• 3.2 PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO, MOBILIZAÇÃO E LUTA POLÍTICA.....	52
• 3.2.1 OS CAMPONESES.....	53
• 3.2.2 A LUTA POLÍTICA DOS SOLDADOS.....	56

- 3.2.3 OS OPERÁRIOS E AREVOLUÇÃO RUSSA.....65
- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....70

**REFERÊNCIAS.....72**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a graça de Deus que nos momentos mais difíceis não tem me desamparado!

À minha mãe Joana Angélica por confiar em mim e em meu potencial mesmo quando eu tinha consciência das minhas impotências e limitações. Apesar da distância física que nos separa, nunca se furtou de estar de algum modo presente na minha vida. Ao meu pai Antônio Pereira, por mesmo sem entender o que fazia nas minhas idas e vindas para a Universidade por certa falta de conhecimento, sempre me apoiou dentro de suas possibilidades.

Aos meus avós maternos e paternos. Mas, sobretudo a minha vó Eunice Guimarães por ter cumprido um papel de mãe em boa parte da minha vida. Por ter me apoiado desde o início e mesmo em ter o direito a educação negado, sempre me dizia que a melhor coisa na vida era estudar. A minha tia Gil Guimarães, pelo qual sempre cultivei muito carinho e afeto, e que sempre acreditou em mim e mesmo de longe sempre dizia: “Olhe, meu sobrinho estude, estude muito!”. E aos demais parentes que me ajudaram direta ou indiretamente nesse processo.

Ao meu professor substituto Matteus Freitas que durante o auge da adolescência no momento que muitas vezes perdemos um pouco o foco me despertava para a importância dos estudos, e com suas inúmeras falas contribuiu para que viesse a ter um olhar crítico sobre a sociedade. A minha professora, amiga e conselheira Pró Mariana, que com sua sabedoria sempre me incentivou e despertou sobre a importância de “correr” atrás dos estudos.

Ao meu amigo de infância e da e para vida, e também colega de curso, Thauan Lima, que ainda durante o ensino médio me proporcionou boas conversas informais sobre filosofia e história corroborando para o meu gosto pelo conhecimento.

Aos meus e minhas colegas de curso, Jordana Sena, Edvânia Avelino, Irilly Pereira, Raquel Matos, Weldert Santiago, Maíra, Marina Silva e Eduarda Santos, pelo qual tenho grande estima e consideração e que tem me proporcionado boas vivências dentro da universidade, com as nossas conversas descontraídas nos corredores, assim como apoio mútuo em momentos de dificuldades vivenciados dentro e fora desse espaço. Ao meu amigo Naildo Rodrigues, o qual tive a honra de conhecer dentro da universidade. Obrigado pelos seus conselhos, pelas dicas de escrita e de leitura, e por suas críticas construtivas. Por ter proporcionado debates de política e história formidáveis, e por ter contribuído para que vivesse esse espírito da universidade. Além de ter tido um papel muito importante na elaboração desse trabalho. Tenho aprendido e ainda aprendo muito contigo.

A minha professora, amiga e orientadora, Kelman Conceição, obrigada pelos conselhos e pela paciência. Por desde início ter confiado na minha capacidade de levar essa pesquisa adiante. Por ter apontado caminhos que foram fundamentais para a construção do trabalho.

Rogério Souza, por ter contribuído na minha formação, por ter tolerado meus apelos por algumas ajudas no Whatsapp, pelas indicações de leituras, por algumas orientações que ajudaram nortear minha pesquisa. As demais e aos demais professores de Graduação, Igor Trabuco, Marinélia Souza, Antônio Villas Boas, Eduardo Borges, Ricardo Batista, Cristiane Santana, não encontro palavras para agradecer-los pelas aulas, debates que contribuíram de forma significativa para minha formação profissional e humana. A todos, minha eterna gratidão!



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o que foi a Revolução Russa, a partir da obra "Os dez dias que abalaram o mundo" do jornalista John Reed. Doravante dessa obra de estilo jornalístico literário, busco compreender com o autor representou esses sujeitos comuns, como os camponeses, soldados e operários, que estiveram envolvidos nesse processo, assim como quais eram seus interesses, as posturas que assumiram e como esses leram esse acontecimento. Assim como também trazendo as percepções dos considerados "grandes" personagens da história.

**Palavras-chave:** Revolução Russa; Jornalismo Literário; John Reed.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze what the Russian Revolution was, from the work "The ten days that shook the world" by journalist John Reed. From this journalistic literary style work, I seek to understand how the author represented these common subjects, such as peasants, soldiers and workers, who were involved in this process, as well as what their interests were, the postures they assumed and how they read this event. As well as bringing the perceptions of the considered "great" characters in the story.

## INTRODUÇÃO

Em 2022 o Brasil viveu um momento político histórico, uma eleição que decidiria se o país trilharia rumos democráticos ou se caminharia para um Estado de exceção. Embora não aprecie análises binárias, havia um candidato como o Luiz Inácio Lula da Silva (PT) que defendia a democracia, ciência e valores civilizatórios. Enquanto do outro lado, havia o Jair Messias Bolsonaro (PL) que fazia defesa expressa e até o enaltecimento da ditadura militar (1964-1985), negacionismo científico, a partir de um comportamento ante medidas sanitárias importantes para evitar a contaminação pelo vírus Covid-19 durante a pandemia, a vacinação, e por falas discriminatórias contra mulheres, negros e indígenas.

Não é objetivo do meu trabalho analisar o processo eleitoral de 2022, mas foi a partir desse momento que surgiram as indagações para essa pesquisa. Nesse ambiente de polarização, os radicais de extrema-direita se referiam aos partidários de Lula, contraditoriamente como comunistas ou até mesmo como bolcheviques. Seja por falta de conhecimento ou má fé desses sujeitos, por banalizarem esse termo, despertou o meu interesse por esse tema. Por outro lado, a história política sempre me interessou, sobretudo a história dos grandes eventos, contudo, enfatizando protagonismo das massas.

A Revolução Russa desse modo, por representar a primeira revolução popular a conquistar o poder e mantê-lo por quase 70 anos, mobilizando milhares de pessoas que sacrificaram sua própria existência na esperança de construir uma sociedade igualitária foi o que motivou a escolha dessa proposta de estudo. Por outro lado, a Revolução foi um dos maiores eventos políticos do século XX. Ao comparar com a Revolução Francesa, o historiador Eric Hobsbawm salienta:

A Revolução Russa ou, mais precisamente, a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, pretendeu dar ao mundo esse sinal. Tornou-se portanto, tão fundamental para história do deste século (leia-se século XX) quanto a Revolução Francesa de 1789 para o século XIX. (1994, p.62)

Desse modo, a Revolução Russa se constitui em um dos maiores eventos políticos da história da humanidade. Portanto, é imprescindível para a

compreensão do século XX, entender o que foi esse fenômeno e seu impacto político no âmbito global.

A fonte que analiso nesse trabalho é uma obra de cunho jornalístico “Os dez dias que abalaram o mundo”, livro do jornalista norte-americano John Reed. A obra jornalística historicamente fora negligenciada pela historiografia.

A história tradicional e positivista, se valendo apenas dos documentos oficiais, privilegiava os grandes nomes e eventos, no qual corroborou para uma história vista de cima, dos grupos sociais privilegiados em detrimento do restante da sociedade. Essas mudanças se iniciaram no Movimento dos Annales, na década de 30 e foram aprofundadas a partir dos anos finais do século XX, conhecido como a terceira geração, no qual havia um foco na história cultural como destaca Peter Burke: [...] estendendo as fronteiras da história de forma a permitir a incorporação da infância, do sonho, do corpo e até mesmo do odor [...] (1995, p.71).

A história desse modo, para compreender aspectos culturais como o cotidiano e os costumes desses sujeitos, incorporou outras disciplinas como a antropologia, sociologia, a etnografia, a psicologia dentre outras. Outros estudiosos apresentaram enormes contribuições a esses estudos como Foucault e Thompson.

A partir desse novo paradigma epistemológico e historiográfico, tendo um foco na ampliação das fontes, como as quantitativas, corroborou desse modo, para que sujeitos que foram historicamente excluídos e marginalizados da história, outrora relegados ao esquecimento, sobretudo as minorias como: as populações pobres, mulheres, negros e indígenas, puderam ter suas histórias, também privilegiadas pela nova historiografia.

Nesse sentido, as produções jornalísticas antes vistas com desconfiança por serem produtos da 'subjetividade', nesse novo momento passaram a ser privilegiadas. Longe da fonte jornalística a ser o repositório da verdade, essa traz elementos cruciais para a revelação do cotidiano de sujeitos que viveram em épocas passadas. Sobre a importância da fonte jornalística, para a historiografia Capelato (1988) destaca:

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender

como viveram nossos antepassados, não só os “ilustres” mas também os sujeitos anônimos. (1988, p.20)

É necessário rigor metodológico para sua análise, para que este não seja tomado como repositório da verdade, sendo necessário que este documento seja problematizado, em que as informações contidas em seu material possam também serem respaldadas através de outras fontes. Sobre isso Capelato enfatiza:

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata da imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (1988, p.21)

De acordo com Capelato, a imprensa não é neutra, esta é permeada pelos mais variados interesses que tem uma finalidade de intervenção de algum modo no meio social. Portanto ao analisar uma produção jornalística devemos problematizar em qual contexto foi produzido? Quem produziu? Quais são os seus interesses? Questões que são fundamentais para leitura crítica do material que está sendo analisado.

A obra que propus analisar é jornalística e que traz traços tipicamente literários. Para Felipe Pena (2006), o que caracteriza o que é o jornalismo literário é um conceito bem mais amplo:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente, a cidadania, romper as correntes burocráticas do 'lido', evitar os, 'definidores primários' e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (2006, p.49)

Embora a produção jornalística seja reveladora do cotidiano, como destaca Capelato (1988), o jornalismo literário parece ampliar ainda mais essas possibilidades. Obviamente, que a própria dinâmica do periódico pressupõe informações mais sucintas e objetivas. Por outro lado, o jornalismo literário expande os limites básicos desse, trazendo informações mais ricas de detalhes, ampliando ainda mais a compreensão de um determinado contexto.

Desse modo, interessa-me compreender o que foi a Revolução Russa a partir das representações desses sujeitos elaboradas por John Reed, dentro de um estilo jornalístico literário. No qual este tem a pretensão de revelar, apesar de todas as limitações que isso implica, a leitura que faziam os camponeses, soldados e operários daquele processo político revolucionário.

Nas três obras de John Reed, *Os dez dias que abalaram o mundo*, *México Insurreto* e a *Guerra dos Bálcãs*, podemos perceber o recurso de uma linguagem literária e bastante minuciosa na descrição dos cenários e personagens. Além disso, a outra característica do jornalismo literário, segundo Pena (2006), é que “os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, as fontes anônimas, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (2006, p.50). Assim, conseguimos identificar nesse estilo uma metodologia que permite que sujeitos historicamente silenciados possam ser “ouvidos”.

Nas obras do Reed percebemos essa preocupação em buscar informações a partir das “grandes” figuras políticas, do mesmo modo que esse recorre aos sujeitos ditos comuns, o que possibilita o contato com diferentes perspectivas. Como por exemplo, o que significou o processo revolucionário que culminou com a revolução de outubro, a partir do camponês russo empobrecido, de um grande magnta russo ou até mesmo de figuras como Trótsky e Lênin, como veremos mais adiante.

No primeiro capítulo busco fazer uma discussão bibliográfica acerca da revolução. Inicialmente trago uma problematização sobre Revolução, longe de querer responder o seu significado, o apresento enquanto um conceito polissêmico que até nos dias atuais gera calorosas discussões. Também trago algumas leituras da Revolução Russa por Eric Hobsbawm, Domenico Losurdo, dentre outros.

Interessa-me trazer olhares sobre a Revolução Russa a partir das produções elaboradas pelos contemporâneos do processo revolucionário, como Trótsky, Lênin, Rosa Luxemburgo, Nestor Makhno. Assim como autores que trazem exames mais atuais como Richard Pipes, Cristophe Hill, Eric Hobsbawm, Daniel Araújo, dentre outros.

No segundo capítulo, realizei uma breve discussão teórica acerca da utilização do tipo de fonte que utilizei na pesquisa. Compreendendo como a revolução historiográfica proporcionou a utilização as obras jornalísticas enquanto fonte histórica, trago o historiador Peter Burke, no qual analisa essas mudanças iniciadas ainda na década de 1930 e que terá seu apogeu nos anos finais do século XX. Para analisar a utilização do jornal enquanto fonte histórica, foi necessário recorrer aos estudos realizados por Maria Helena Capelato, Tânia de Luca e Henrique Leite. Além disso, para analisar essa obra utilizei o conceito de Representação, de Roger Chartier para entender como esse representou esse acontecimento.

Por fim, no último capítulo, analiso propriamente a obra “Os dez dias que abalaram o mundo”. Como esta não é apenas uma obra descritiva e envolve vários relatos produto das inúmeras entrevistas ou indagações feitas aos seus interlocutores envolvidos ou não no processo revolucionário, por John Reed. Busquei compreender o olhar da Revolução Russa a partir desses também desses sujeitos representados pelo autor. Para isto, dividi esse capítulo em três eixos: os camponeses, soldados e operários.

Busco compreender como esses sujeitos enxergavam o processo que estava se desenrolando naquele contexto, quais eram os seus interesses? E de que modo esses assumiram determinadas posições. Para além de analisar os discursos dos sujeitos ditos subalternizados, assim como também ressaltando as de figuras consideradas importantes como Lênin e Trótsky.

## **CAPÍTULO I – UMA BREVE DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA**

Neste primeiro capítulo, procuro desenvolver uma discussão bibliográfica acerca da revolução. Inicialmente trago uma problematização sobre Revolução, longe de querer responder o seu significado, o apresento enquanto um conceito polissêmico. Posteriormente, faço uma breve discussão bibliográfica sobre a Revolução Russa, a partir de seus contemporâneos como Lênin, Trótsky, Nestor Makhno e Rosa Luxemburgo. Em seguida trago autores considerados mais recentes, como Richard Pipes, Cristophe Hill, Eric Hobsbawm, Domenico dentre outros.

### ***1.1 Sobre o conceito de revolução e sua ambivalência***

O conceito de revolução foi e é amplamente discutido na História. Ainda no século XVIII, o Iluminismo<sup>1</sup> se apropriou deste conceito dando um novo significado para se referir a movimentos políticos que transformassem radicalmente as estruturas de uma sociedade. Karl Marx e Friederich Engels no século XIX, conceituaram revolução como a superação de uma ordem econômica e a construção de novas relações sociais e políticas. No Manifesto do Partido Comunista, salienta que, a história da sociedade é a história das lutas de classes, no qual uma classe na condição de dominada e explorada, se rebela contra os dominadores, podendo provocar tanto a destruição mútua, quanto transformando radicalmente a realidade. (1848, p.9)

---

<sup>1</sup> Movimento político iniciado no século XVII e XVIII que visava promover grandes transformações na esfera econômica, política e social.

A experiência de 1789, com a França vivendo uma profunda crise econômica e política, experimentou a derrubada do Antigo Regime e ascensão da burguesia ao comando do Estado. O historiador Perry Anderson “Linhagens do Absolutismo”, no qual analisa a natureza e o desenvolvimento do desse modelo político, econômico e social na França destaca: “A monarquia, por sua vez, mostrou-se incapaz de proteger os interesses burgueses, mesmo quando estes coincidiam nominalmente com os do próprio absolutismo.” (pg.110)

A Revolução Francesa ocorreu desse modo, pela incapacidade do Antigo Regime de fazer reformas que atendessem os interesses desses grupos emergentes, como a burguesia. Há um amplo debate entre historiadores no que diz respeito a isso apontado por Perry Anderson, como o Tocqueville<sup>2</sup>, no qual, sinaliza que a França ainda no reinado de Luís XVI, caminhava para reformas liberalizantes.

O historiador Eric Hobsbawm, em sua obra “Ecos da Marselhesa” ao fazer um balanço das produções revisionistas que rechaçam as interpretações marxistas desse evento, conclui que a burguesia ao tomar o poder não tinha de fato consciência de sua identidade e que esse processo se deu ao longo do tempo, a partir dos conflitos de interesses com outra classe social (1990, p.23).

Dentro dessa perspectiva, do que seria revolução, com base na experiência francesa, essa revolução de caráter burguês aconteceria na Rússia em fevereiro de 1917, em virtude do desenvolvimento tardio do capitalismo e meses mais tarde, essa seria substituída por uma outra revolução de natureza socialista.

Embora a origem e história desse conceito aponte para uma convergência de significados, a apropriação deste termo é político. A revolução bolchevique sob a perspectiva dos sujeitos que atuaram, como dos seus principais líderes como Vladimir Lênin, Leon Trotsky e posteriormente Josef Stálin, enaltecem esse acontecimento como símbolo da vitória operária. Leon Trótski traz uma definição do que seria a revolução: “A revolução significa então uma mudança de regime social. Ela transmite o poder das mãos de uma

---

<sup>2</sup> Alexis Tocqueville (1805-1859) foi um historiador e pensador político. Em sua obra O Antigo Regime e a Revolução, analisa o antigo regime francês e as ações políticas liberalizantes perpetradas pelos últimos monarcas “absolutos”.

classe que já está esgotada para as mãos de uma outra classe que está em processo de ascensão” (1918, P.137)<sup>3</sup>.

Desse modo, para o Trótski revolucionário esse momento representou uma transformação radical da sociedade russa, já que a revolução significaria a supressão das classes sociais na Rússia. Essa visão de Trótsky se baseia na perspectiva marxista presente no próprio Manifesto Comunista, citado anteriormente. Por outro lado, os que se opuseram, vieram como um golpe bem sucedido arquitetado por intelectuais, no qual o povo foi utilizado como massas de manobra para seus fins políticos. A visão de Kerensky<sup>4</sup> e de seus partidários sobre outubro, estavam bem longe de qualquer ideal revolucionário, e o que para suas percepções, concretamente era uma degeneração daquilo que se tinha iniciado em fevereiro.

Os países da Europa central que tinham cortejado a primeira etapa da revolução abominavam a segunda, com ascensão dos bolcheviques ao poder. Desse modo, mesmo o conceito de revolução sugerindo mudanças estruturais no âmbito social, esse conceito é disputado politicamente por sujeitos de diversos espectros ideológicos que tentam dar diferentes significados aos processos políticos vivenciados ou não, de acordo aos seus interesses e visões de mundo. Nesse sentido, fica claro, o caráter polissêmico desse conceito, que pode ser lido de diversas formas, dependendo do seu lugar social, econômico e político.

## **1.2 O século XX e a revolução de outubro**

Para se tentar compreender o que foi século XX é fundamental entender o que foi Revolução Russa, evento esse cujo os efeitos ressoaram por todo o mundo. Segundo o historiador Eric Hobsbawm<sup>5</sup>, o século breve XX se inicia com a primeira guerra mundial (1914-1918) e se encerra na queda do muro de Berlim em 1991, evidenciando o grau de importância desse acontecimento. Tanto aqueles que vêem Revolução Russa como esse processo

---

<sup>3</sup> Revolução de Outubro, obra de Leon Trótsky, publicada em 1918.

<sup>4</sup> Alexander Kerensky foi um social democrata, o último ministro do governo provisório na Rússia. Sendo derrubado pela Revolução de outubro.

<sup>5</sup> Historiador marxista britânico, referência nos estudos sobre Europa, e autor de alguns livros, como a trilogia: A Era dos Impérios, A Era das Revoluções e a Era dos Extremos.

no qual vislumbraram a possibilidade de construir uma sociedade alternativa pautada nos valores da solidariedade e justiça social, quanto aqueles que viam com repulsa denotando como um acidente histórico provocado por um golpe de Estado que levaria a uma ditadura totalitária, como aponta Hannah Arendt<sup>6</sup> em sua obra “As origens do totalitarismo”. Esses convergem em um ponto, a Revolução Russa deixou marcas profundas na sociedade, modificando a geopolítica mundial, influenciando o movimento classista em todo o mundo.

Segundo Richard Pipes<sup>7</sup>, um liberal convicto e crítico da revolução de outubro ressalta:

A Revolução Russa constitui-se no acontecimento mais importante do nosso século. Não só desempenhou um papel decisivo em impedir a restauração da paz e depois da primeira guerra mundial, como teve relação direta com o surgimento, na Alemanha, do nacional socialismo e da eclosão da segunda guerra mundial. (1980, p.14).<sup>8</sup>

Quando Pipes (1980), pontua negativamente que não houve paz a partir desse acontecimento, poderíamos sugerir a grande influência desse na vida social dos trabalhadores em todo o mundo. Pela primeira vez na história, uma revolução, dirigida pelas massas conquistavam o poder de um Estado, diferente de outras experiências, como a Comuna de Paris de 1871 que se restringiu a um curto espaço e período de tempo. A revolução bolchevique demonstrou a viabilidade de um outro modelo de sociedade a partir da luta histórica das massas, estimulando a mobilização dos trabalhadores em escala global.

Eric Hobsbawm (1990) ao comparar os impactos da Revolução francesa com a russa explica: “pois se as ideias da Revolução francesa, como hoje é evidente duraram mais que o bolchevismo, as consequências práticas foram muitos maiores e duradouras que 1789” (p.61). Para o autor, a revolução russa causou impactos profundos, influenciando o movimento operário e as formas de organização e luta a nível internacional, na conquista de direitos, na reformulação do próprio capitalismo.

---

<sup>6</sup> Filósofa judia de origem alemã. Em 1951 publicou As Origens do Totalitarismo, no qual analisou com profundidade a natureza do nazismo e o stalinismo.

<sup>7</sup> Pipes (1923-2018) foi um historiador liberal norte-americano de origem polonesa. Foi professor na Universidade Cambridge.

<sup>8</sup> História Concisa da Revolução Russa, publicada em 1980, nesta obra Pipes busca demonizar o processo revolucionário iniciado em outubro de 1917. Segundo ele Stálin não foi uma ruptura de Lênin, e sim sua continuidade.

Alguns exemplos dos reverberes dessa revolução estão nos Estados Unidos após a Crack da Bolsa de Nova York e em alguns países europeus no mesmo período. Nos países periféricos, influenciou nas lutas de libertação nacional e descolonização, como no caso dos países no continente africano e asiático. Pipes (1980) tinha razão, ao dizer que não haveria mais paz após a revolução bolchevique, pois as certezas num futuro socialista moviam paixões e mobilizava ações políticas na tentativa de se construir um novo mundo.

Para Domenico Losurdo<sup>9</sup>, a Revolução Russa significou a luta anticolonial em todo mundo. Ao contrário dos partidos socialistas europeus, que muitas vezes se silenciavam em relação a partilha da Ásia e da África, observando como sendo importantes para o desenvolvimento do capitalismo das potências europeias, legitimando o subjugo de outros povos, a ascensão dos bolcheviques representou um convite à luta contra todas às formas de opressão e exploração no mundo.

Ao se debruçar sobre o artigo de Lênin, “Europa atrasada e Ásia avançada”<sup>10</sup>, observamos importantes análises que nos ajudam a compreender como os proletários da metrópole tinham muito a aprender com a luta os povos coloniais, pois apoiavam um projeto de dominação colonial da burguesia que fora do seu país oprimia, mas que internamente sofria na pele dominação e opressão desses mesmos grupos dominantes. Então ao apoiar o projeto colonial, estavam também apoiando a própria burguesia contra a qual lutavam e a fortalecendo. (2003, p.59).

Losurdo aponta ainda como as interpretações acerca da Revolução Russa foram marcadas por olhares repletos de estigmas e preconceitos, não apenas por uma questão social e econômica, por se tratar das classes subalternizadas, mas sobretudo, por uma leitura racial. Segundo ele:

A discriminação racial é um traço constitutivo da história do Ocidente liberal. A expansão colonial procedeu paralelamente à caracterização dos povos sujeitados como “raças infantis” para usar a linguagem de John Stuart Mill (2003, p.66)

---

<sup>9</sup> Historiador marxista italiano, e um dos grandes nomes na crítica do liberalismo político. Em sua obra *Contra a história do liberalismo*, aponta que não é possível pensar o surgimento do liberalismo, sem pensar na escravidão, segundo ele, a segunda é produto da primeira.

<sup>10</sup> Esse texto *Revolução Russa e o Revisionismo Histórico*, escrito por Domenico Losurdo publicado em 2017 pela editora Boitempo.

A leitura do ocidente sobre outros povos e culturas, era pautado na ideia de superioridade moral e intelectual do homem europeu, branco e cristão em detrimento dos demais, visto como inferiores, e que, portanto, era necessário a dominação dos europeus para ingressarem nos moldes civilizatórios. O próprio Henry Ford <sup>11</sup>vê a revolução bolchevique como um complô judaico-bolchevique (2003, p.67).

A ideia de Ford e outros contemporâneos reforçam o olhar racial sobre a Rússia, no qual seria uma revolta arquitetada por sujeitos inferiores que se levantaram contra o ideal de humanidade, pautada em valores e princípios europeus, como a defesa da democracia burguesa. O autor reforça essa leitura racial acerca dos bolcheviques, a partir de como os movimentos populares organizados por segmentos oprimidos eram vistos. Ao explicitar a luta contra discriminação protagonizada pelos negros nos Estados Unidos, este cita que a mídia se referia ao movimento enquanto as desordens do “bolchevismo”.

Desse modo, a Revolução bolchevique também foi lida a partir de uma perspectiva racial, pois as ações realizadas tanto pelos russos, quanto pelos povos oprimidos no mundo afora, eram vistos como uma real ameaça ao poder hegemônico de uma burguesia branca e europeia, que defendiam e lutavam pela manutenção das estruturas políticas que as mantinham como grupos dominantes.

### ***1.3 A Revolução Russa a partir da ótica dos participantes e observadores.***

Em outubro de 1917, a Rússia vivenciava o processo revolucionário que se iniciara em fevereiro daquele mesmo ano. Para compreender este momento é imprescindível recorrer as produções dos participantes como Trotsky e Lênin que atuaram nesse processo, assim como outros observadores que fizeram análises importantes como a Rosa Luxemburgo. Embora esses autores convirjam em defesa do marxismo, as estratégias para se chegar à

---

<sup>11</sup> Empresário norte-americano fundador da automobilística Ford.

revolução foram temas para calorosos debates dentro das organizações comunistas que serão abordados posteriormente.

Considerado um dos maiores interpretes de Marx, Lênin escreveu obras que nos ajudam a compreender a natureza do capitalismo e do Estado, seu funcionamento e suas contradições. Em sua obra “O Estado e a Revolução”<sup>12</sup> Lênin ao revisitar o pensamento de Engels e Marx<sup>13</sup>, destaca o Estado como instrumento de dominação de uma classe sobre a outra, esse só existe em razão das profundas contradições que existem na sociedade e, portanto, faz-se necessário o uso da força a partir do aparelho repressivo do Estado, de uma classe exploradora para subjugar outra classe explorada. O Estado nesse sentido, longe de ser “neutro” como historicamente fora compreendido, só é possível numa sociedade marcada por contradições e conflitos que tendem a ser reprimidas. De acordo com Lênin,

o Estado é produto e a manifestação do caráter irreconciliável das contradições de classe. O Estado surge onde, quando e na medida em que as contradições de classe não podem ser objetivamente conciliadas. E inversamente, a existência do Estado prova que as contradições de classe são irreconciliáveis. (1917, p. 29)

O Estado nesse sentido, é gerado a partir das próprias contradições que existem numa sociedade e quando essas não podem efetivamente serem conciliadas, a sua própria existência pressupõe isto. Portanto, Lênin compreende perfeitamente que esse Estado, está a serviço dos interesses das classes dominantes, e portanto, não há solução para os reais problemas do país dentro dele, logo deveria ser substituído por um Estado proletário que também iria por sua vez seria definhado conforme as contradições de classe deixariam de existir.

Para Lênin, a passagem do Estado capitalista para operário seria inevitável, visto que o acirramento das próprias contradições do sistema capitalista levaria a seu colapso. Em outra obra, “Imperialismo, estágio superior do capitalismo”, destaca o caráter capitalista e imperialista da primeira guerra. Como um processo em que as grandes empresas monopolistas apoiadas pelos Estados imperialistas, sobretudo os europeus, buscaram novas

---

<sup>12</sup> Obra escrita em 1917 as vésperas da Revolução.

<sup>13</sup> Presente na obra o Manifesto do Partido Comunista publicada em 1848.

zonas de influência no mundo. Teorizando a respeito da natureza do Estado como esse é guiado a partir de direitos exclusivos, Lênin compreende a primeira guerra como o acirramento dessas disputas no qual é levada as suas últimas consequências, o conflito bélico.

A percepção de um Estado burguês paulatinamente era, notório, entre as classes trabalhadoras russas, que viam naqueles que em tese deveriam lhes representar defendendo pautas totalmente estranhas aos seus interesses. Medidas emergenciais como a saída imediata da primeira guerra, a distribuição de terras e ações voltados para os operários, assim como outras demandas das massas pareciam estar bem distantes de serem atendidas. Leon Trotsky em sua obra “ *A Revolução de Outubro*” observa como o governo provisório, assim como os partidos de esquerda que lhes dava sustentação estavam a serviço da burguesia e de seus representantes. Como explicitado nesse trecho:

Não podiam mais restar dúvidas de que a autoridade governamental, se encontraria artificialmente nas mãos da burguesia, porque os partidos conciliadores, a despeito da preponderância que lhes asseguravam as massas populares, insistiam ainda na ideia de coalizão com os cadetes e consideravam impossível a formação de um governo que não incluísse a burguesia. (1918, p. 52)

Embora bem mais votados nos processos eleitorais, os mencheviques e socialistas revolucionários após o pleito se alinhavam a burguesia, na primeira oportunidade. O espaço dado as classes dominantes pelos conciliadores (leia-se partidos de esquerdas associados à burguesia) asseguravam a essa classe darem a tônica nas decisões políticas do governo. Desse modo, havia um governo apoiado pelas camadas populares, mas que agia deliberadamente contra elas.

Essa perspectiva de análise de Trotsky converge com a Lênin em relação a natureza do Estado burguês que estava presente na Rússia desde da Revolução de Março. Embora essas obras tenham sido escritas em momentos diferentes, sendo a primeira na véspera da revolução e a segunda num momento de consolidação, ambas se apoiam no caráter classista do Estado russo. Como descrito por Lênin:

A sociedade capitalista, considerada em suas mais favoráveis condições de desenvolvimento, oferece-nos uma democracia mais ou

menos completa na república democrática. Mas essa democracia é sempre comprimida no quadro estreito da exploração capitalista, e sempre permanecerá no fundo uma a democracia de uma minoria, apenas para as classes possuidoras, a dos ricos (1917, p.112)

A democracia apresentou limitações profundas, já que o poder político se encontraria nas mãos da burguesia. Nesse sentido, os interesses da classe trabalhadora estariam escamoteados em detrimento dos interesses excluídos de uma minoria econômica e política. Para fazer valer os anseios das camadas privilegiadas é indispensável o uso do aparelho repressivo do Estado contra a ação política que viria de baixo. O próprio Trotsky (1918) explicita como o governo provisório intensificou ações draconianas contra os movimentos populares que exigiam medidas para que suas más condições de vida fossem atenuadas (p. 42).

Para Lênin, a mesma violência de classe utilizada contra as classes trabalhadoras, deveriam ser utilizadas contra a burguesia no processo revolucionário. Algo que será advertido por Rosa Luxemburgo, que embora seja uma entusiasta da revolução como deixa claro em seus escritos que a “Revolução Russa é o fato mais prodigioso da guerra mundial. Sua explosão, seu radicalismo sem igual e seu efeito durável refutam, admiravelmente o argumento utilizado pela socialdemocracia alemã oficial” (p. 61). Luxemburgo não esconde sua admiração pela revolução, inclusive por ter ocorrido num país cujo o desenvolvimento do capitalismo se deu de forma tardia, com o lento desenvolvimento das forças produtivas.

Nesse sentido, os alemães teriam muito a mais aprender com os bolcheviques do que o contrário. Contudo, havia uma preocupação em relação a uma suposta degeneração daquilo que deveria ser a ditadura do proletariado. Ao criticar a perspectiva de Lênin sobre o papel do Estado proletário na supressão da burguesia essa destaca:

Que este é, por assim dizer, o Estado capitalista posto de cabeça para baixo. Esta concepção simplista negligencia o essencial: a dominação de classe da burguesia não requer a educação (Erziehung) nem a formação (Schulung) política de toda a massa do povo, pelo menos não além de certos limites estreitamente traçados. Para a ditadura proletária esta educação é o elemento vital, o ar sem o qual não pode viver. (1918, p. 90)

Para a autora, deveria haver uma respectiva cautela em relação as ações que deveriam ser tomadas contra determinados elementos contrários a revolução. Para que não houvesse uma reprodução dos métodos de violência do Estado burguês. A construção do socialismo aconteceria, não apenas pela ação do Estado, e sim mediante a educação e luta política das massas que não apenas iriam destruir esse modelo econômico e político, mas efetivamente construir outro. Além disso, Luxemburgo demonstra um certo receio na supressão das liberdades dos trabalhadores que divergem em alguns pontos, visto que é a partir da pluralidade de ideias e da criatividade pulsante das massas que é possível a construção de uma nova sociedade.

A autora também esboça outras preocupações com os rumos que a revolução poderia estar tomando naquele momento, sendo duas questões que posteriormente foram amplamente debatidas como em relação ao processo de expropriação das terras, a autodeterminação dos povos que compunha o império russo. Em relação a primeira a política de tomada das terras estimuladas por Lênin essa afirma que

como medida política para fortalecer o governo provisório era uma tática excelente, infelizmente, ela tinha duas faces, e seu reverso, a tomada imediata de terras pelos camponeses, não tinha nada, haver com uma agricultura socialista (1917, p. 72)

Segundo ela, a tomada de terras, era importante para fortalecer a revolução, haja vista que, 80% da população russa vivia no campo, e havia grande parte de demandas dessa categoria, contudo, sem um processo de coletivização, modelo ideal para economia socialista, criaria uma classe camponesa que mais tarde iria se opor a própria revolução. Esse seu temor era baseado na leitura que Marx fazia da revolução francesa em sua obra "*O golpe de 18 de Brumário de Luís Bonaparte*", no qual os camponeses que expropriaram e apropriaram das antigas terras dos nobres em 1789, após 50 anos se tornariam extremamente conservadores apoiando um golpe de Estado na França perpetrado pelos grupos dominantes indispostos a oferecer quaisquer concessões as camadas populares.

No volume VII da "*História do marxismo: A construção do socialismo na Rússia: o papel dos sindicatos, a questão camponesa, a nova política*

*econômica*”. Destaca Eric Hobsbawm, sobre os conflitos que ocorreram após a implementação da NEP (Nova Política Econômica) e aponta os embates entre as classes camponesas que se tornaram mais enriquecidas e que se opunham radicalmente a proposta do regime soviético de expropriação do excedente para financiar o processo de industrialização. Isso porque muitos dos camponeses retinham o excedente de suas produções para lucrar com a especulação.

Rosa Luxemburgo apontava os problemas futuros da revolução conduzida por Lênin, caso a propriedade privada não fosse abolida efetivamente. O que veio a ocorrer, sendo um dos desafios de Stálin que para resolver essa questão, iniciou o processo de coletivização das terras enfrentando uma intensa resistência dos Kulaks.

Uma outra questão levantada por Luxemburgo era o direito de autodeterminação dos povos que compunha o império russo e que em certa medida esses movimentos de libertação foram apoiados por Lênin durante a revolução. Ainda em 1918, esta já apontava os riscos que essa ação poderia acarretar num futuro não tão distante, como descreve:

Os bolcheviques precisaram aprender à sua custa e à custa da revolução que, sob a dominação capitalista, não há autodeterminação da “nação”, que, numa sociedade de classes, cada classe da nação aspira a se “autodeterminar” de um modo diferente, que, para as classes burguesas, as considerações sobre a liberdade da nação vêm bem depois das considerações sobre a dominação de classe. A burguesia finlandesa, assim como a pequena burguesia, ucraniana, fosse totalmente de acordo ao preferir a dominação alemã à liberdade da nação, caso essa tivesse que estar ligada aos perigos do “bolchevismo”. (1918, p. 79)<sup>14</sup>

O apoio ao direito de autodeterminação poderia contribuir não para um movimento de independência dos povos subjugados, mas significar uma válvula de escape da burguesia nacional de outros povos à ameaça bolchevique. O que de fato ocorreu, logo após esse processo, no qual o novo governo ucraniano recebeu apoio do ocidente para frear o avanço do

---

<sup>14</sup> Esses compilados de escritos de Rosa Luxemburgo em 1918 foram traduzidos e publicados pela editora Vozes em fevereiro de 1991. O texto analisado e utilizado é o a Revolução Russa.

bolchevismo e combater a própria revolução. Nestor Makhno<sup>15</sup>, anarquista ucraniano, em sua obra “*A revolução contrarrevolução*” embora divergisse dos bolcheviques em torno daquilo que seria o melhor projeto de sociedade, inclusive, tendo uma leitura crítica da Revolução Russa. O autor descreve em detalhes como o processo de independência da Ucrânia foi motivado por interesses de grupos dominantes. Segundo Makhno:

Em 1918, a cidade de Kiev e a maior parte da Ucrânia, à margem a direita do Dniêpr, foram ocupadas pelos exércitos expedicionários monarquistas alemães e austro-húngaros. Depois do acordo com o Rada Central... (1918, p. 234)

Essa mobilização ocidental em apoio a libertação da Ucrânia, confirma a leitura feita por Rosa Luxemburgo, no qual esses levantes de libertação favoreciam senão grupos privilegiados desse país, como o *Rada Central*, partido representantes de grandes interesses da burguesia agrária e industrial que apoiou essas ações estrangeiras. Desse modo, esse processo de independência deveria ser capitaneado pela classe trabalhadora para combater os verdadeiros dominadores e exploradores, a burguesia. A única maneira pela qual essa realidade poderia ser modificada seria a partir da organização e luta desses sujeitos em torno de uma proposta revolucionária.

As interpretações de Lênin sobre o Estado burguês e quais ações deveriam ser tomadas para viabilizar a revolução, como a necessidade que, esse fosse substituído por um Estado de cunho proletário, que iria criar as condições necessárias para que esse fosse definido efetivamente, somada à leitura crítica de Rosa Luxemburgo desse processo, são fundamentais para compreendermos o que significou a revolução e os caminhos que essa deveria percorrer.

Além disso, outras preocupações salientadas por Lênin, que seriam desafiadoras para a construção do socialismo, era o oportunismo por parte de figuras ligadas ao movimento socialista que mesmo acreditando nos princípios marxistas, eram cooptados pelo poder e os abandonava. Para defender suas novas posições, buscavam fazer novas leituras acerca do marxismo, passando a defender ideias reformistas e não mais revolucionárias

---

<sup>15</sup> Líder anarquista ucraniano. Que durante a revolução se colocou ao lado dos bolcheviques, e posteriormente se opôs ao regime bolchevique.

O Estado desse modo, poderia existir não mais como fruto das contradições de classe, mas como uma possibilidade para que essas fossem conciliados. Lênin em sua obra “*O Estado e a Revolução*”, ainda observa como a deturpação do marxismo feita por Bernstein, se expressou na escrita do prefácio do Manifesto do Partido Comunista, esvaziando o sentido de revolução a partir da tomada e destruição do Estado, para ocupação e a utilização do Estado para atender seus próprios fins. (1917, p.132)

No livro, “*Esquerdismo, doença infantil do comunismo*”, Lênin fez um balanço dos principais desafios dos bolcheviques na Rússia, destaca o quanto os conciliadores criaram empecilhos para tomada do poder pelos operários, mas também como esses foram superados e contribuíram efetivamente para sua ascensão. O social-chauvinismo, representado pelos mencheviques, havia conquistado os operários e os camponeses em seu apoio, mas na prática se inclinava a interesses estranhos aos das massas. Ao justificar o êxito dos bolcheviques na Rússia e ao tempo sugerindo aquilo que é necessário para conquistar os operários, o autor ressalta:

Segundo, por sua capacidade de se ligar, se aproximar e, até certo ponto de fundir, com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de tudo, com as massas proletárias, mas também com as não proletárias (1920, p.48)

A construção de um programa genuinamente inspirado naquilo que as massas desejavam a partir de muito diálogo e construção coletiva, foi capaz de criar uma adesão e fidelidade partidária importante, fundindo os interesses dos operários e não operários aos do partido. Esse contraponto, com os mencheviques foram cruciais para a vitória revolucionária, pois os trabalhadores passaram a compreendê-los como protetores dos interesses exploradores em detrimento daquilo que desejavam. Trótski observa, que após sucessivas alianças com o partido burguês, o cadete, os sociais democratas eram vistos cada vez mais como lacaios, pois estavam numa condição de subserviência aos interesses desse partido (1918, p.52).

#### **1.4 Revolução Russa a partir de novas bibliografias**

Para além da compreensão do que foi a revolução a partir da perspectiva daqueles que vivenciaram ou observaram, o século XX foi marcado por vastas produções acerca daquilo que significou e representou aquele processo revolucionário. Angelo Segrillo, em seu artigo “*Historiografia da Revolução Russa: Antigas e novas abordagens*”, traz diferentes contribuições ao abordar o panorama historiográfico sobre esse tema em dois momentos cruciais como no durante e no pós guerra fria.

O historiador de origem polonesa e naturalizado nos Estados Unidos, Richard Pipes, no qual em 1980, atuou enquanto consultor do Estado norte-americano em assuntos relacionados a URSS e o leste europeu, em sua obra *História concisa da Revolução Russa* (1995), expressa sua tendência liberal ao fazer uma leitura da ascensão dos bolcheviques ao poder, como destaca:

Embora haja referência a duas revoluções russas, em 1917, uma em fevereiro e outra em outubro-, apenas a primeira merece esse nome. Realmente, em fevereiro a Rússia vivenciou uma genuína revolução, que derrubou o czarismo, e cujas desordens, ainda que provocadas e esperadas, irromperam espontaneamente. O governo provisório que assumiu o poder ganhou imediata aceitação de todo o país. O mesmo não vale para outubro. Os fatos que levaram à queda do governo provisório não foram espontâneos, mas tramados com cuidado e desencadeados por uma conspiração altamente organizada (1995, P.127)

Pipes via com bons olhos a primeira etapa da revolução ter tido as classes dominantes a frente e de ter conduzido a Rússia a uma República de Duma, numa espécie de democracia burguesa. Nesse sentido, fevereiro teria representado fielmente o ideário revolucionário, tal como a França em 1789, enquanto a de outubro não passou de um golpe de Estado arquitetado por uma suposta *intelligensia* que estariam conduzindo o movimento.

A análise realizada por Pipes secundariza o papel das massas no processo revolucionário, que não agiram de forma inconsciente, e suas ações traduzem todo um histórico de luta social e amadurecimento político. Ao contrário do que este afirma que não houve aceitação, isto é bastante contestado por outros autores.

Cristophe Hill, tem uma leitura diferente do que foi a revolução bolchevique. Ao contrário do que pensa Pipes, Hill não vê enquanto um movimento de cima para baixo, no qual as massas não tiveram total protagonismo, que agiram de quase forma inconsciente e afirma que os

bolcheviques só tiverem êxito graças ao apoio dos trabalhadores nesse processo. Ao fazer uma comparação com Alemanha, cuja social democracia se demonstrou incapaz de capitanear toda a efervescência política que havia, os bolcheviques conseguiram não apenas fazer uma leitura política dos fatos, como também usá-los ao seu favor. Segundo Hill:

Na Rússia em 1917, o que decidiu foi o domínio dos acontecimentos pelos bolcheviques. O partido sabia exatamente o que queria, que concessões poderia fazer aos diversos grupos sociais em determinada etapa. Como convencer as massas populares através da ação dele e delas. A organização do partido propiciava grande flexibilidade de manobra, combinada à sua firmeza e energia em busca do objetivo final, claramente visado. Foi isso o que ganhou a confiança de um grande número de seguidores suficiente para permitir aos bolcheviques tomarem o poder e se manterem nele, enquanto os mencheviques e socialistas-revolucionários caíram em descrédito, dada a inconsequência de suas frases mais eloquentes ante a verdade crua e iniludível dos fatos (1967, p.64)

O partido bolchevique ao fazer uma profunda análise de conjuntura, e ao defender pautas tão caras a população o como “pão, paz e terra” conseguiu rapidamente a sua adesão. Falar que as massas foram ludibriadas por uma “intelectualidade” é ignorar o fato que todo o programa do partido fosse construído a partir dessas diferentes demandas julgadas por essas como emergenciais para aquele momento. Como destacado na citação acima, as ações do partido não estão desconectadas das ações do povo, elas estão umbilicalmente ligadas.

Outro aspecto importante, é a firmeza nos objetivos finais. Embora o próprio partido estabelecesse diálogos com diferentes grupos fazendo uma negociação sempre que possível, haviam valores que esse não abria mão, como a causa fiel aos trabalhadores. Esse contraponto com outros partidos, foram necessários à sua vitória. Pois ao passo que os bolcheviques radicalizavam sua agenda, os outros se mantinham numa posição de defensores dos interesses de outros grupos sociais e políticos.

A historiadora Sheila Fitz Patrick em sua obra “A Revolução Russa”, ao fazer um exame do percurso da revolução até a era stalinista, apontando como um período de terror, evidencia Stálin não como degeneração das ideias defendidas por de Lênin, e sim como sua verdadeira continuidade. Embora não seja abertamente contra os ideais revolucionários, faz ponderações que

apontam nesse sentido, questionando ascensão e o poder bolchevique, considerando o início desse processo enquanto um golpe arquitetado pelos bolcheviques contra as demais facções políticas, consolidando em sua perspectiva um poder unipartidário.

Segundo Patrick, “em setembro e outubro, Lênin pareceu claramente ter desejado que os bolcheviques tomassem poder, não os soviets pluripartidários” (2017, p. 98). Essa premissa é confrontada por Daniel Reis Araújo, que em sua análise destaca que “em junho de 1917, no I Congresso dos Sovietes, Lenin dissera que os bolcheviques tomariam o poder sozinhos, se as circunstâncias o exigissem” (1983, p. 70). Com base nessas informações, poderíamos sugerir que de fato Lênin gostaria que os bolcheviques tomassem o poder, caso os outros partidos não ouvissem as vozes das massas, não por haver um respectivo exclusivismo político.

Após o fracasso do golpe de Kornílov, apoiado por setores privilegiados, contra a “inércia” de Kerensky que não conseguia conter de forma mais enérgica, “a burguesia aclama Kornílov, como seu representante”, como afirma Araújo (1983, p. 56). As classes dominantes num momento de crise abraçaram Kornílov para que os seus privilégios fossem preservados, em um momento que os bolcheviques aumentavam substancialmente sua presença na sociedade, principalmente nos organismos de representação das classes trabalhadoras. Pipes, destaca o apoio que Kornílov tinha entre a burguesia:

Os políticos liberais e conservadores começaram a ver Kornilov como salvador da pátria. Em 14 de agosto, quando ele passou por cima das objeções de Kerenski e foi a Moscou participar de uma reunião do gabinete, receberam-no com aplausos calorosos. A par da afronta pessoal, Kerenski considerou o fato como um divisor de água. (1997, p.132)

O próprio Kerenski que defendiam os interesses da burguesia, apoiou inicialmente essa ação para esmagar os soviets, até que percebeu que o general poderia utilizar da força para assumir poder. Os trabalhadores com todas as divergências que tinham com o governo provisório, o defenderam por ver em Kornílov uma ameaça maior. Para Hill (1981), quem salvou o governo provisório fora os soviets de Petrogrado e adjacências que pegaram em

armas e protegeram os sovietes e evitou que o governo provisório fora deposto.

Após a tentativa de golpe, e apoio da dos trabalhadores, o governo provisório volta a firmar acordos com representantes da burguesia e os trazem para a coalizão do governo, com isso, as poucas expectativas em relação ao governo são esgotadas. A atuação das massas no campo e na cidade, concomitante, à adesão aos bolcheviques passaram a crescer exponencialmente dentro dos órgãos representativos existentes, como os sovietes. Para Araújo, a maioria dos sovietes da Rússia passaram a ser ocupados, majoritariamente pelos bolcheviques, no qual passavam a defender a a transferência de imediata de todo o poder. (1983, p. 60).

A partir da hegemonia dos bolcheviques na sociedade, em órgãos que eram dotados de uma genuína democracia, apontar esse processo como golpe, como a Sheila Fitz Patrick destaca, até questionando a ação dos bolcheviques como algo talvez isolado, diverge do que expõem por Cristophe Hill e Daniel Araújo. O próprio Pipes, como demonstrado anteriormente, esboça uma visão contrária aos acontecimentos de outubro e ao elaborar questionamentos a participação do povo nesse processo salienta:

E, se essa prova não for o suficiente, basta olhar de perto os acontecimentos de outubro de 1917, na capital do país, onde as “massas” agiram como espectadoras, ignorando os apelos dos bolcheviques para tomar o palácio de inverno, ocupado por poucos ministros idosos, defendidos pela juventude do partido cadete (1995, p. 43).

Para ele, o povo assistiu a esse processo de modo bestializado e quase apático ao que estava acontecendo. Parece que o governo provisório ruiu sem muitas resistências e que aversões ocorreram de forma mais enérgica no momento da guerra civil, nos quais os setores derrotados na revolução promovem uma ação articulada contra os bolcheviques. Contudo, a luz dos acontecimentos, afirmar que as massas foram “espectadoras” na capital, é problemática.

Hill, destaca que a revolução militar dirigida pelo Comitê Militar Revolucionário de Petrogrado ocorreu com uma certa facilidade, entretanto aponta que três semanas antes da revolução os bolcheviques tinham uma maioria significativa nos sovietes (p. 95). Poderíamos sugerir que a fragilidade

no qual o governo provisório se encontrava, ao passo que havia uma presença significativa dos bolcheviques na sociedade contribuiu para sua derrocada sem grandes dificuldades. Isso só foi possível graças ao apoio confiado aos soviets pelos trabalhadores, desse modo, esses não foram espectadores, mas sim ativos em todos os acontecimentos que levaram a revolução.

O historiador britânico Edward H. Carr, crítico ao momento do stalinismo, como presente em sua obra “ *A Revolução Russa de Lenin a Stálin*”, parece ver de forma positiva o processo revolucionário nos anos iniciais acerca do qual sinaliza:

Foi um momento inspirado por uma onda de entusiasmo, por visões utópicas de emancipação da humanidade das cadeias de um poder distante e despótico. Para esse movimento eram inúteis princípios ocidentais de democracia parlamentar e governo constitucionais proclamados pelo governo provisório” (1981, p.13)

As massas que emergiram após o movimento de fevereiro e que transformaram radicalmente a sociedade a partir de outubro, não estavam preparados para transposição de um modelo político pronto e inacabado das potências ocidentais. Os próprios mentores da Revolução Russa, sabiam das enormes dificuldades de uma revolução proletária, num país cuja população era majoritariamente rural, com 80% da população vivendo no campo e um proletariado bastante incipiente.

Marshal Berman, em sua obra “Tudo que é sólido desmancha no ar”, reserva um capítulo para discutir a modernização da Rússia ainda no século XIX e início do século XX. Nesse texto o autor revela como coexistia na Rússia elementos modernos e atrasados, e utiliza São Petersburgo em sua análise, uma cidade cosmopolita, que fora projetada para ser o espelho da modernidade, ou uma janela para a Europa como descreve o autor, com seu projeto urbanístico burguês, com largas avenidas, com as vitrines comerciais exibindo produtos ingleses e britânicos, fábricas se proliferando nas cidades.

Aspirava-se uma certa liberdade em São Petersburgo, contudo, essa modernidade, convivia com uma sociedade de base estamental, nos quais existiam marcadores sociais bem definidos, aonde as posições e os papéis dos indivíduos estavam bem traçados. Berman descrevia que o modernismo fora

das potências centrais da Europa tinha significados complexos, indefinidos e paradoxais. (1982, p.169).

Fato é, que uma revolução proletária num país com essas particularidades, nos convidam a refletir como a experiência contribuiu para revisão da própria teoria marxista, longe de apontar antagonismos entre elas, mas como uma influenciou a outra. É um consenso entre os historiadores e estudiosos sobre a Rússia e a revolução, que houve uma passagem do poder de um segmento da população tipicamente burguês que estava sendo forjado por um governo cuja as pautas dos trabalhadores davam a tônica nas ações políticas, e que uma nova sociedade estava sendo edificada. Sobre esse momento de construção que se deu e que só é possível mediante a revolução a Sheila Patrick salienta:

Todas as revoluções têm liberté, égalité, fraternité, e outros slogans nobres escritos em suas bandeiras. Todos os revolucionários são entusiastas, ou até fanáticos; todos são utopistas, com sonhos de criar um novo mundo do qual injustiça, a corrupção e apatia do velho mundo sejam banidas para sempre. São intolerantes com a divergência; incapazes de concessões; fascinados por metas grandiosas e distantes; violentos, desconfiados e destrutivos. Os revolucionários são irrealistas e inexperientes em governar; suas instituições e procedimentos são improvisados. Eles têm inebriante ilusão de personificar à vontade do povo, o que significa supor que o povo seja monolítico. São maniqueístas, dividindo o mundo em dois campos, luz e trevas, a revolução e os seus inimigos. Desprezam todas tradições, a sabedoria herdada, os ícones e as superstições. Acreditam que a sociedade pode ser uma tábula rasa no qual a revolução será escrita. Está na natureza das revoluções terminar em desilusão e desapontamento. O fanatismo murcha; o entusiasmo se torna forçado. O momento de loucura e euforia passa. A relação entre o povo e revolucionários se torna complicada: fica evidente que a vontade do povo não é monolítica e transparente. As tentações de riqueza e posição retornam, junto com o reconhecimento de que cada indivíduo não ama seu vizinho como a si mesmo, nem quer amar. Todas as revoluções destroem coisas cuja a perda não demora ser lamentada. O que elas criam é menos do que os revolucionários esperam, e diferente' (2017, p.18-19)

Quem são os revolucionários que atuaram na revolução? Quais são suas visões de mundo e seus interesses? O que buscavam construir? Sobre aquilo que é descrito por Patrick, sobre as causas da revolução e suas consequências podem ser utilizados para descrevermos o que foi a Revolução de Outubro?

Poderíamos descrever a revolução apenas como esse momento de entusiasmo que atinge seu clímax e vai se arrefecendo até voltar a "racionalidade", como metas que são traçadas e não são alcançadas, e que

frustra os seus participantes? Ou até mesmo, como movimentos guiados por uma minoria que age em nome da maioria sem nenhum compromisso com ela? Ou como algo que rompe com as tradições e o legado passado?

Nessa pesquisa, longe de querer buscar respostas para essas perguntas, e sim problematiza-las, a partir a obra jornalística de John Reed, no qual vivenciou aquele processo enquanto um observador e que buscou compreendê-lo a partir de diferentes perspectivas entendendo como os diferentes sujeitos que participaram leram aquele momento e, lhes conferiram os mais diversos sentidos e significados.

## **CAPÍTULO II- A FONTE, VIDA E OBRA DE JONH REED.**

Neste segundo capítulo, busco fazer uma breve discussão teórica acerca da utilização desse tipo de fonte. Compreendendo como a revolução historiográfica proporcionou a utilização das obras jornalísticas enquanto fonte, inicialmente a partir das contribuições do historiador Peter Burke. Posteriormente, trago outros historiadores que utilizaram essa documentação para produção de conhecimento histórico, como Tânia de Luca e Maria Helena Capelato. Por fim, trago uma breve definição de jornalismo literário a partir do jornalista Felipe Pena, além de destacar o conceito de Representação, no qual foi fundamental para análise dessa obra.

### **2.1 Terceira Geração dos Annales**

O tradicionalismo da história do século XIX focado nos documentos oficiais dos Estados forjava uma história vista de cima, dando ênfase apenas no grandes nomes e eventos. As classes subalternizadas, nesse sentido eram marginalizadas e relegadas ao esquecimento. O historiador Peter Burke, critica os estudos influenciados pelo positivismo ou escola metódica, tendo como expoente a figura de Leopoldo Von Ranke.

Para Burke, ainda no século XVIII, houve alguns ensaios na história que apontavam para uma valorização da história cultural, destacando os costumes e os valores de uma sociedade, e que, portanto, teria sido interrompido por mudanças que buscavam maior objetividade na análise dos documentos, imbuídos na ideia da possível neutralidade na relação entre sujeito e objeto.

Segundo Burke (2011), os sujeitos que se debruçavam em estudos voltados a cultura passaram a não serem benquistos nesse período. Embora houvesse vozes dissonantes, nesse período, que questionavam essa “nova” história iniciada no século XIX, essas só iriam ganhar folego a partir do início século XX. Nesse contexto, se forma a Escola dos Annales, que, como já a muito conhecido, traz novas concepções ampliaram as possibilidades, a partir de novas abordagens e problemas da história.

Na década de 1970, a história experenciou a partir da terceira geração dos Annales mudanças significativas, a noção de fonte é ampliada e qualquer

possibilidade de vestígios deixados pelos homens no espaço e no tempo, que foi possível graças aos estudos da história quantitativa. Graças a ampliação das fontes, foi possível que sujeitos excluídos historicamente, como mulheres, negros e indígenas pudessem ser ouvidos, isso a partir de um amplo estudo da história cultural.

Burke (2011) aponta como essa nova geração, ao contrário das anteriores que foram duramente criticados pela falta de mulheres, nessa presença de mulheres produzindo conhecimento histórico fora bastante importante, Christiane Klapisch e Arlette Farge. Além disso, outros temas foram incluídos como os estudos do próprio cotidiano, como a infância, do sonho, do corpo e até mesmo do odor, o que possibilitou que fossem trazidos para investigações, debates e questionamentos os mais diversos temas, temporalidades e sujeitos históricos (2011, p. 71).

## ***2.2 A utilização de jornais como fontes históricas***

A revolução qualitativa como aponta Burke, criou as condições para uma vasta quantidade de fontes, dentre elas o jornal. Contudo, até recentemente, a utilização desse material não era bem aceita entre alguns historiadores. Que viam com bastante desconfiança os jornais. De acordo com Tânia de Luca (2008):

Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento, nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (p.112)

A explicação para o pouco o uso dos periódicos enquanto fonte histórica, durante o final do século passado e início deste, se deve sobretudo, à influência da tradição positivista na historiografia. Aqueles que se opunham à utilização desse, afirmavam que esses eram produzidos no calor do momento, e movidos pelas paixões de quem escrevia, e que, no entanto, haveria uma visão parcial e reduzida, no qual não seria tão confiável assim. A superação

dessa percepção acerca do jornal, afinal, os outros documentos ditos “confiáveis” também são passíveis de críticas, pois qualquer documento traz as impressões subjetivas de quem o elaborou.

A própria Luca (2008), ao analisar a comparação dos jornais com outros documentos destaca que já não se questionava o uso dos jornais por sua falta de objetividade - atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar (p.116). Essa outra compreensão acerca do jornal como elemento histórico foi fundamental para acessar o passado, buscando aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais de uma sociedade em uma determinada época.

Ainda dentro dessa perspectiva da utilização dos jornais pelos os historiadores, Capelato (1988) salienta que “os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas com relação ao documento-jornal: o desprezo por considera-lo fonte suspeita, ou enaltecimento por considera-lo como repositório da verdade” (p. 21). Essas duas posições são passíveis de questionamentos segundo ela, haja vista que uma fonte não pode ser negligenciada por haver elementos da subjetividade, e por outro lado nenhum documento é dotado de neutralidade e objetividade.

Um jornal pode dizer muito sobre um povo, sua cultura e valores, e nos fornecem elementos preciosos do cotidiano de sujeitos em um determinado espaço e tempo. A obra jornalística pode proporcionar a nós historiadores, evidentemente que com todo o rigor metodológico de análise crítica das fontes, uma possibilidade de acessar o passado. Como ressaltado por Capelato (1988):

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados, não só os ilustres, mas também os sujeitos anônimos. O jornal como Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento (1988, p.21).

Podemos sugerir que as produções jornalísticas, de acordo as contribuições trazidas Maria Capelato, em consonância com aquilo que foi preconizado pela terceira geração dos Annales, pode ser revelador de como a utilização desse tipo de fonte pode ser fundamental para compreensão dos

sujeitos, de seu imaginário, universo simbólico e de suas leituras de mundo. Nesse sentido, podemos ter presente, a história das mentalidades, da cultura e de seus usos e costumes.

Embora os jornais tenham essa importância para a produção do conhecimento histórico, como foi dito anteriormente, não podemos ignorar, o modo como essas informações são construídas, permeadas obviamente por subjetividade inerentes a quem está produzindo e pelos seus interesses. Contudo, o historiador deve ter em mente que há limites que inviabilizam essa objetividade. Como afirma Capelato (1998), “por essa razão, constata que é impossível ser completamente objetivo; a objetividade continua sendo um critério fundamental de análise histórica, mas seu culto místico já é questionado”(p. 22)

Dentro dessa perspectiva de análise da imprensa e de obras jornalísticas, é preciso estar ciente dos limites impostos a busca pela objetividade, ou então correremos o risco de tomarmos o jornal como verdade. Para isso é necessário a compreensão das condições que levaram este a ser produzido. Segundo Capelato (1988), algumas perguntas precisam ser feitas, como por exemplo quem produziu? Para quem? Quando? E como? (p. 24). Desse modo, o historiador longe de tê-lo como verdade, o compreende como representação da realidade feita por um sujeito orientado por seus interesses, como também por interesses maiores, como o da própria imprensa.

Ao analisar os estudos de Maria Capelato e Ligia Prado, Luca (2008) destaca como os jornais a partir de seus interesses podem produzir e reproduzir determinadas visões de mundo, sobretudo, a partir de suas concepções hegemônicas. Ao descrever a pesquisa das historiadoras, fica evidente o papel que os jornais, que em sua maioria são controlados por grupos dominantes, exercem para moldar consciências a partir da difusão ideologias presentes em seus discursos. Como expresso em suas reflexões:

A partir da análise dos editoriais (1927-1937), as autoras evidenciaram a atuação do matutino como porta voz dos interesses de setores da classe dominante paulista e a maleabilidade do liberalismo abraçado pelos seus responsáveis, reformulado diante dos desafios impostos por circunstâncias sociopolíticas específicas (2008, p.118).

Ao mesmo tempo que os jornais são os porta vozes de segmentos dominantes da sociedade para exprimir seus projetos políticos, esses também foram utilizados pelas camadas populares em determinados períodos da história como instrumento político para disseminação de ideias visando a conscientização e organização da classe trabalhadora em prol de pautas comuns reivindicatórias. Como salienta Luca (2008):

A História do movimento operário, que desfrutou de grande prestígio nos círculos acadêmicos brasileiros especialmente entre 1970 e 1990, encontrou na imprensa uma de suas fontes privilegiadas. Agora não se tratava mais de lidar com jornais de cunho empresarial, capazes de influenciar a vida política, mas de manejar folhas sem periodicidade ou número de páginas definidas, feitas não por profissionais, mas por militantes abnegados. (2008, p.119)

Desse modo, os historiadores buscando produzir uma história dos trabalhadores, encontram nos jornais uma possibilidade, na medida que lançam outro olhar acerca dos periódicos, não como apenas um privilégio de determinados grupos dominantes, e sim como esses eram também utilizados por outros grupos sociais que defendiam diferentes interesses.

Os jornais militantes, como exemplo, eram vozes alternativas aos hegemônicos e que trazem outras perspectivas que quando utilizadas enquanto objeto de pesquisa, são essenciais para reconstruir as trajetórias desses sujeitos, tão caras aos estudiosos que se interessam pelo tema. O jornal norte-americano *The Mases*, que busco analisar é exemplo desse tipo de jornal.

Para analisar esta obra, foi necessário a utilização do conceito de Representação Roger Chartier (1988) Para esse autor, a realidade no qual é produzida pelos diferentes sujeitos podem adquirir diferentes sentidos e significados. A realidade nesse sentido pode também ser representada, como este pontua:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (1988, p.17).

Assim, as representações de uma dada realidade são motivadas a partir de interesses de quem o produz. John Reed, ao escrever sobre a Revolução

de outubro, apresenta um discurso que não é neutro, traz consigo e traduz suas concepções de mundo. Para analisar os discursos, faz-se também necessário ter conhecimento da posição e o papel que este ocupa na sociedade para saber quem se apropria e o porquê de fazê-lo.

Para Chartier, as disputas pelos discursos são tão importantes quanto as disputas econômicas (1988, p.17) e Reed ao produzir essa obra está também envolvido num momento de disputa política de narrativas acerca daquele processo revolucionário que se desenvolvera, cujos interesses seriam demonstrar outra perspectiva daquilo que seria primeira a revolução proletária a chegar ao poder.

### **2.3 *Jornalismo Literário***

A obra que analisei trata-se de uma produção jornalística no qual traz consigo traços literários. Esse estilo de escrita, ao contrário do jornalismo que podemos chamar de convencional, como os periódicos semanais, tem suas particularidades que muito o diferencia do outro. Felipe Pena (2006), em seu artigo “O jornalismo literário como gênero e conceito”, traz uma definição do que seria o jornalismo literário:

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do, lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (p. 6).

O Jornalismo Literário rompe com o tradicionalismo comum ao jornalismo, isso porque procura trazer informações mais detalhadas e com uma maior profundidade dos acontecimentos, algo que só é possível mediante a esse gênero. O livro-reportagem rompe com o lide, jornalístico, que é aquela preocupação manifestada pelos redatores de buscar responder as questões ainda em suas primeiras páginas como máximo de objetividade, buscando suprimir a subjetividade, além de romper com os definidores primários, isto é, ao invés de apenas conceder entrevistas pessoas que tem uma função pública

e são consideradas “importantes”. E que, portanto, tem uma certa “legitimidade” para poder falar.

Essa nova forma de elaborar entrevistas conseguem garantir que sujeitos comuns, os anônimos, que outrora foram excluídos e silenciados intencionalmente, tenham a oportunidade possam ser escutados. Isso é crucial para entender a história partir de diferentes perspectivas. Embora os jornais militantes também tragam essas outras vozes em seus periódicos, o jornalismo literário consegue trazer relatos mais alongados e permitem que mais personagens participem da interlocução.

Por outro lado, como cita Pena (2006), “uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte” (p. 8).

Embora concorde com Pena, no que diz respeito a definição do que é o jornalismo literário, o que o caracteriza e o diferencia do outro tipo de produção jornalística, sou cético em relação a ideia de falta de perenidade dos jornais comuns, pois como foi demonstrado logo acima por Capelato, esses jornais são fundamentais como objeto de estudos para compreensão do passado, obviamente que dentro das limitações e dos desafios que há na utilização das fontes. Apesar de algumas ressalvas, encontrei na definição de jornalismo literário de Pena elementos fundamentais para analisar com maior precisão esse gênero, que traz consigo traços literários.

Durante a minha pesquisa, percebi que existem poucas pesquisas com o uso do jornalismo literário como fonte, podendo ser um acréscimo em discussões futuras. Desse modo, esse trabalho justifica sua relevância ao privilegiar um tipo de fonte que é pouco utilizada enquanto fonte primária nos estudos historiográficos.

#### ***2.4 Vida e obra do autor***

Antes de abordar o estilo de escrita do autor e da obra que proponho analisar, cabe aqui falar um pouco sobre o autor. John Silas Reed, nasceu em

22 de outubro de 1887, no estado de Oregon, nos Estados Unidos. Pertencente a uma família bastarda americana, sendo seu pai um grande proprietário em Portland. A partir de sua trajetória, Reed foi desenvolvendo um olhar sensível as questões sociais. Segundo Egon Erwin Kisch (1885-1948) jornalista austríaco que prefaciou 1ª edição de *México Insurgente*<sup>16</sup>, destacou:

Durante as férias, quando passava alguns meses em companhia dos pais, a família e as pessoas das suas relações ficavam escandalizadas, porque ele vivia no meio da gente miúda, ou, seja Reed, preferia o convívio dos trabalhadores nas reuniões da Associação Internacional dos Trabalhadores, do que conviver com os espíritos obtusos, afastado do seu meio social (1977, p. 12).

O convívio de Reed com gente “miúda”, ou seja, com as classes populares, assustavam as pessoas da mesma classe que entendiam que por estarem em posições diferentes, deveriam também ocupar outros espaços. Poderíamos sugerir que o contato do autor com as populações mais empobrecidas e o conhecimento de suas dores e angústias, assim com as causas que levavam a esse sofrimento sensibilizou a forma que ele enxergava a sociedade.

Ainda em 1910, quando ingressou no curso de jornalismo na universidade de Havard, que segundo Bustamante, esse espaço era responsável por formar intelectualmente a classe dominante norte-americana (2014, p.10). Dentro da universidade John Reed parecia travar grandes embates com os seus colegas e incomodava com seus posicionamentos que destoavam do pensamento liberal hegemônico. Segundo Kisch, fora excomungado da universidade, e na qual a reitoria confessou que este era a única nodoa negra da universidade. (1977, p.12).

Reed tornou-se um dos jornalistas bem mais pagos da imprensa norte-americana e, de acordo com Kisch, chegou a receber aproximadamente 25 mil dólares ao ano, trabalhando para o *Metropolitan Journal* e o *Word* de Nova Iorque (p.13). Na medida que Reed se aproximava de pautas populares, criticava esses jornais que estavam a serviço do capital. Para ele os jornais encobriam os mais pobres presentes na sociedade a partir de um véu de mentiras (p.13).

---

<sup>16</sup> Obra publicada em 1914, tendo sua primeira edição em português em 1977.

Enquanto Reed caminhava para uma radicalização em suas posições políticas, foi obrigado a se afastar do *Metropolitan*. Mesmo trabalhando para os grandes jornais que serviam, como ele acreditava aos exploradores, John Reed lutava dentro de suas possibilidades. Para Kisch, muitas vezes ele escrevia artigos bem melhores do que aqueles que eram pagos pelos seus patrões, para serem publicados no *The Libertador*, um jornal de cunho socialista. Assim, como também fazia doações em dinheiro para a manutenção do mesmo. (1977, p.14)

Mas é a partir de sua trajetória que esse começa adquirir consciência de classe e política e começa se engajar na luta em defesa dos interesses da classe trabalhadora. Como destaca Bustamante:

Logo, Reed começa a ter contato com o movimento operário a partir da IWW (Industrial Workers of the World – uma central sindical que se opunha à burocrática e conservadora AFL – American Federation of Labor). O momento em que o sentimento vago de protesto social do jovem romântico passa a ganhar os contornos mais definidos de uma consciência de classe do ativista político, com uma compreensão mais nítida da luta entre duas classes irreconciliavelmente antagônicas, ocorreu na greve dos trabalhadores têxteis de Paterson, a qual Reed, tendo tomado contato como jornalista, rapidamente tomou para si como uma causa a ser defendida ativamente, levando à sua primeira prisão. (2014, p.11)

O jovem Reed compreendendo as contradições de classes presentes na sociedade, bem como a presença da pobreza e miséria e da constante precarização de vida e de trabalho dos proletários, começa afirmar suas posições em defesa das camadas populares. Segundo Kisch, nas greves de Peterson, este se envolveu ativamente em defesa dos trabalhadores do setor têxtil, sendo até mesmo preso (1977, p.14). Ao se envolver numa ação política em defesa dos trabalhadores da Standard Oil Company, se envolveu numa confusão maior sendo até mesmo processado por um dos maiores magnatas dos EUA, John Rockefeller. (1977, p.15)

John Reed no prefácio de sua obra “Os dez dias que abalaram o mundo”, fonte examinada para a escrita dessa monografia, descreve: “em meio a batalha não fui um homem neutro. Ao relatar a história desses grandes dias, porém procurei ver os acontecimentos com os olhos de um cronista, consciencioso, interessado em estabelecer a verdade” (1919, p.37). Como já é

sabido, não existe neutralidade na produção de uma narrativa, o próprio autor enfatiza isto.

É possível perceber em sua trajetória, a partir de todo contato com as camadas populares, suas reivindicações e lutas tanto dos trabalhadores do seu país, quanto os do México, região dos Balcãs e russos, uma radicalização política que tanto influenciou a sua percepção sobre o mundo, e que estão imprimidas na maioria de suas obras. Agora veremos um pouco de sua trajetória a partir de suas viagens internacionais.

Em 1913, Reed viajou para o México enviado como correspondente pela revista *Metropolitan* para fazer a cobertura da Revolução Mexicana, dando origem ao seu livro “México Insurgente”, publicado em 1914. Nesse mesmo ano, embarca para Europa como correspondente da mesma revista para cobrir a Guerra dos Balcãs. Em 1917, vai a Rússia como entusiasta e admirador da Revolução Bolchevique. E após dois anos, em 1919 publica esses relatos na obra que ele intitulou de “Os dez dias que abalaram o mundo”.

Ainda em 1919, a partir de uma dissidência com o partido socialista norte-americano e inspirado nas ideias bolcheviques, Reed ajudou a fundar outro partido. Como descrito por Bustamante, Reed retorna como um bolchevique e se dedicará a um intenso processo de luta política no interior do Partido Socialista, junto a milhares de outros militantes inspirados pela experiência da Revolução Russa, até a cisão. (2014, p.11)

É de suma importância conhecer o autor e sua trajetória para melhor entender a sua obra. Como é apontado por Bustamante, “sua obra é um exemplo importante de como a concepção política de um autor não pode ser vista de forma desvinculada de sua produção artística” (2014, p.12). Poderíamos sugerir que o histórico militante de Reed teria contribuído para a escolha do jornalismo literário, como forma de garantir que essas vozes anônimas pudessem ser ouvidas, identificadas e validadas.

Isto é uma característica de sua produção, Reed entrevista os “grandes” personagens, que dirigiram as grandes revoluções, mas também, aqueles sujeitos que estão no anonimato, cujas as vozes que são ouvidas, não é à toa, que essa é uma das críticas feitas por ele a imprensa. As obras do Reed carregavam em si uma proposta política em prol dos oprimidos e explorados.

Antes de se debruçar propriamente a obra “Os dez dias que abalaram o mundo”, poderíamos analisar brevemente trechos de uma outra obra do autor: “A Guerra dos Bálcãs”, na qual Reed tomando para si um estilo de escrita literário, permite que os leitores tenham para além de descrições mais gerais dos acontecimentos, a possibilidade de compreendê-los a partir de uma imensa riqueza de detalhes.

São destacados por Reed as vestimentas dos entrevistados, o modo que oralizavam, gesticulavam e esboçavam reações, além de descrever o semblante dos indivíduos a partir dos seus rostos e olhares, conseguindo nos aproximar da atmosfera, sentimentos e espírito daqueles indivíduos. Vejamos exemplos, a partir de alguns diálogos:

O que vocês estavam cantando quando entramos- Perguntou Robison,

- Era uma música árabe. Agora vamos cantar uma verdadeira música turca!

Então estufaram o peito, e abriram as narinas, num gemido queixoso, batendo na mesa com os dedos, enquanto os copos saltavam e titilavam.

- Mais bebida! Gritou o animado proprietário- O que é a música sem bebida? (1914, p.33)

Essa obra de Reed está inserida num momento da primeira guerra mundial, especificamente o conflito na região dos Bálcãs. Ao entrar num bar em Salonica na Grécia Reed se depara com carpinteiros de diferentes nacionalidades bebendo e confraternizando juntos. Ele traz falas de cada um dos personagens, assim como gestos e expressões deles, o preparo para iniciar as canções, o momento que esses inspiram e até parecem aproveitar e apreciar a música com batidas na mesa.

Os detalhes são muito ricos, característicos de uma obra do jornalismo literário. Como foi dito anteriormente, um dos traços do jornalismo literário é dar protagonismo aqueles que são anônimos no cotidiano. Para isso, o jornalismo tenta compreender a realidade da guerra a partir de outras perspectivas. Ao interrogá-los sobre a possível entrada da Grécia no conflito esses o respondem:

Acontece o seguinte- o grego que falava inglês disse lentamente. Esta guerra nos arrancou de nossas casas e do nosso trabalho. Agora não há trabalho para carpinteiros. A guerra é um momento de destruição, e não de construção. E carpinteiros trabalham para a construção...- ele traduziu para a plateia silenciosa e foi aplaudido (1914, p. 33).

Ao perguntar a um carpinteiro do grupo, sua resposta é de total repulsa da guerra. Sua fala representa a de um trabalhador comum, um dos grandes prejudicados pelo conflito já que a guerra o arrancou de suas casas (países e cidades) de origem e assim como também tirou seu emprego.

Reed busca outros sujeitos que compartilham de diferentes visões mundo e que lançam outros olhares acerca do conflito, deixando notório como as díspares posições econômicas e políticas dos sujeitos corroboram para a produção de um determinado discurso. Isso fica evidente ao entrevistar um mercador armênio.

Sim, eu sou um súdito turco – disse ele. Assim como várias gerações de família. Eles são boa gente, os turcos: hospitaleiros, gentis e honestos. Não tenho nenhum motivo para reprová-los, mas, é claro, estou do lado dos aliados. Quando a Inglaterra tomar os Dardanelos, ah sim se ganhará muito dinheiro. (1914, p.19)

Embora se trate de sujeitos de diferentes nacionalidades, é importante como a guerra é lida de forma diferente. Enquanto pra uns significam dor, sofrimento, com a perda de oportunidades e da degradação da dignidade humana, outros a vêem como uma possibilidade de maximizarem os seus lucros a partir da expansão dos seus negócios. Reed doravante esses dois relatos, busca compreender o que foi a guerra a partir de dois sujeitos comuns, que talvez seriam ignorados pela imprensa, não tendo a oportunidade de compartilhar suas leituras do que estava acontecendo.

O mesmo é feito pelo autor durante a Revolução Mexicana que aconteceu anos antes da guerra dos Bálcãs. Nessa obra<sup>17</sup>, é também apresentada a riqueza nos detalhes na descrição dos cenários, assim como esse descreve os sujeitos, e sempre almejando coletar informações desses personagens a partir das entrevistas é uma marca de seu estilo de escrita. A

---

<sup>17</sup> Citação da obra de John Reed: México Insurrecto. Publicado em 1914.

exemplo disso, pode-se observar alguns trechos, como essa descrição de um dos generais da tropa revolucionárias, Urbina:

Estendeu-me a mão frouxamente, que logo afastou, e tudo isso sem levantar. Era um homem bem nutrido, de estatura mediana, a pele bastante escura, uma barba negra dispersa até aos pómulos, que não escondia de todo a larga boca, delgada e sem expressão, as narinas abertas e uns pequenos olhos brilhantes. (1914, p. 45)

A descrição minuciosa dos personagens permite ao leitor construir esse personagem em sua imaginação. A forma pela qual destaca os elementos da aparência e seus comportamentos se faz presente em toda as obras que analisei. Outro ponto importante, é quando Reed se põe numa posição de escuta dos sujeitos anônimos e traz importantes relatos desses acerca do que estava acontecendo naquele momento. Essa metodologia permite conhecer a revolução a partir de diferentes olhares. Como podemos observar nesse trecho:

A revolução é uma coisa boa. Quando terminar não teremos mais fome, nunca mais, se Deus quiser. Mas é longa, e não tem alimentos que não cheguem, nem roupa para vestirmos. Porque o patrão foi para longe da fazenda, não temos ferramentas nem animais para trabalhar, e o soldados levam consigo todo nosso milho e nosso gado (1914, p.42)

Ao indagar um camponês sobre a revolução, a resposta deste é contundente, pois essa traria segundo sua concepção melhorias significativas para a sua vida, como o fim da fome e mais oportunidades para todos, algo que seria impossível dentro de um governo que se mostrava apático aos seus interesses. Por outro lado, embora o processo revolucionário exigia esforços coletivos que muitas vezes traziam saldos negativo, como a piora das condições de vida, mesmo assim esse camponês a defende, pois embora tivesse um preço a pagar os resultados vindouros a compensaria.

Essa visão do camponês é também compartilhada por um médico de uma pequena província: “esta revolução, devo lembrar-lhe, é uma luta do pobre contra o rico. Meditou por momentos e começou a despir-se. Fitando a sua camisa bastante suja” (1914, p. 48). Ao interrogar tanto o camponês quanto ao médico, Reed consegue captar a visão desses sujeitos de “baixo” dos processos políticos que estavam desenrolando.

Ao mesmo tempo que Reed entrevista sujeitos “comuns”, consegue também acessar os “grandes” homens, o que torna sua obra ainda mais intrigante. Como demonstra essa conversa com o revolucionário e liderança política Pancho Villa. Sobre os rumos que a revolução tomaria e qual seria o papel da mulher nessa sociedade. O diálogo a seguir demonstra a percepção sobre o tema:

Certa ocasião, perguntei-lhe se as mulheres teriam direito a voto na nova república. Estava estendido sobre a cama, com a jaqueta por abotoar.

- Oh, não creio nisso- respondeu, alarmado, levantando-se rapidamente. – Que quer você dizer com isso? Significa eleger um governo e fazer as leis?

Respondi-lhe que sim e que as mulheres já exerciam esse direito nos Estados Unidos.

- Bom – disse ele, coçando a cabeça. – Se lá fazem, então não vejo o porquê não devemos também fazê-lo aqui.

E a ideia pareceu diverti-lo bastante. Dava voltas e mais ao espírito, olhava-me e tornava afastar-se. (1914, p.144)

Logo em seguida, Villa demonstra um pouco preocupado, pois aponta as mulheres como sensíveis demais para tomarem os rumos do país. Até que decide perguntar a sua mulher se ela teria coragem de mandar fuzilar traidores da pátria. Ao responder que sim, Villa sente-se confiante sobre atuação das mulheres na política.

Ao entrevista-lo, Reed consegue trazer informações de como este pensava a revolução e também qual o lugar ocupado pelas mulheres na construção de um novo modelo de sociedade. Nesse sentido, as entrevistas de Reed trazem pormenores riquíssimos de como pensavam desde os personagens subalternizados a aqueles que estavam em posições de maior destaque, como também fará na obra objeto dessa pesquisa, ao indagar o operário de Petrogrado, os andarilhos, até figuras chaves da revolução como Lênin.

Um elemento que aparentemente une essas três obras de John Reed, é o caráter literário de sua escrita, recorrente até mesmo uma linguagem poética na descrição dos cenários e dos sujeitos. Acerca das minúcias, que auxiliam na contextualização, como Pena salienta: “a preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente

possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal (2014, p.7)”.

Desse modo, essa forma de escrita consegue amplificar o leque de informações, de como estão sendo produzidas em qual contexto, apresentando de forma minuciosa, no qual seria inviável no impresso comum, que o próprio Reed fez duras críticas. Essas informações que podem ser trazidas, como os relatos de diferentes sujeitos, mas além dos seus relatos, sua condição social, o modo no qual esse sujeito se insere na sociedade, suas cosmovisões, assim como, sua aparência física, traços comportamentais e psicológicos.

Portanto, nesse próximo capítulo pretendo analisar como a obra de John Reed “Os dez dias que abalaram o mundo”, a partir de seu caráter literário pode contribuir para os estudos em torno da Revolução Russa. Destacando-a como uma representação do que foi aquele processo, a partir de uma ótica imbuída de interesses, como próprio autor pontuou, que em nenhum momento buscou ser neutro, mas que procurou descrever com o máximo de comprometimento com a realidade dos fatos.

### **III CAPÍTULO: ANÁLISE DA OBRA OS “DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO”**

Nesse último capítulo, realizo uma análise da obra propriamente dita. O modo pelo qual John Reed representa a Revolução Russa, sendo essa permeada obviamente pelos seus interesses e por sua visão de mundo, o que é perceptível, pela forma no qual esse retrata os acontecimentos com certa simpatia. É também objeto desse estudo, compreender como esse narrou esses acontecimentos, mas também analisando como os relatos coletados pelos sujeitos, envolvidos diretamente nesse processo, a partir de seus próprios questionamentos, também influenciou o seu olhar e na construção da sua narrativa.

Não é a intenção desse capítulo fazer um estudo aprofundado sobre a Revolução Russa, e sim buscar compreender como John Reed a representou. Entretanto, isso não significa que a luz dessa obra que traz elementos tão importantes, somada as vastas produções bibliográficas sobre esse tema, nas

quais umas delas serão aqui analisadas, não possa permitir que haja um entendimento ainda mínimo do que foi aquele processo.

### **3.1 Representação dos antagonismos de classe na obra**

Ao chegar na Rússia em setembro de 1917, enquanto correspondente do jornal *The Masses*, John Reed testemunhou o crescimento da onda de insatisfação do povo em relação ao governo provisório que culminou com sua derrubada. Para ele, tudo iniciou quando o povo entendeu que o governo não os representava, e a constituinte prometida para sanar alguns problemas era sempre postergada, por outro lado, as principais lideranças sindicais e partidárias, assim como os que encontravam-se em posições chave do governo provisório, pareciam demonstrar apatia as suas reivindicações.

Com isso, aos poucos a legitimidade política que restava, gradualmente era minada. Desta forma, a batalha política para disputar esses espaços e ocupa-los com sujeitos realmente comprometidos com transformações reais para a sociedade demonstrava como uma estratégia bastante viável. Reed nos dá apontamentos de como foi esse processo:

A impotência e a indefinição oscilante do governo provisório era, um argumento que ninguém podia refutar. Mais uma os bolcheviques lançaram palavras de ordem, tão cara as massas, "Todo poder aos soviets" e, nisso, não fazia nenhuma pregação em favor próprio, já que à época, a maioria dos soviets era controlado pelos socialistas "moderados" seus inimigos mortais. Em atitude mais forte, os bolcheviques definiram seu programa mínimo, a partir das aspirações básicas e simples dos operários, soldados e camponeses. (1917, p. 56)

Para Reed (1917), a indefinição do governo em garantir reformas estruturais que viria a partir da constituinte, ao passo que intencionalmente a adiavam e se comprometiam exclusivamente com os interesses da burguesia, representado pelos cadetes. Por outro lado, o programa político dos bolcheviques, estariam amparados nos anseios das massas e isso corroborava para o distanciamento com o governo provisório cada vez mais identificados com a burguesia.

Para Trótsky (1917), "mesmo se dizendo socialistas e considerando-se como tais, na realidade conservavam um respeito mal dissimulado pela

potência política da burguesia” (p. 23). Os mencheviques e socialistas moderadores, se identificavam mais com a burguesia do que com as massas e deixa evidente suas escolhas e práticas políticas. Em contraposição os bolcheviques percorriam o caminho contrário, como destaca Reed: “*Em atitude ainda mais forte, os bolcheviques definiram seu programa mínimo, a partir de aspirações básicas e simples operários, soldados e camponeses*” (1917, p.56)

Segundo Lênin (1917), esse posicionamento dos mencheviques se baseava numa leitura deturpada de Engels, para o qual o Estado poderia ser utilizado para conciliar os interesses antagônicos existentes na sociedade e, portanto, a sua destruição se faria necessária (p. 34). Por outro lado, como destacado por Reed, os bolcheviques passavam a construir seu programa político pautado nas necessidades das classes trabalhadores. Os pontos defendidos por Lênin na chamadas Teses de Abril sintetizavam claramente isto, todo poder aos soviets, que ainda era controlado naquele momento pelos conciliadores, somados à questão da paz, pão e terra.

Sobre dos antagonismos presentes na Rússia naquele período, Reed traz alguns relatos fruto de algumas entrevistas que traz isso à tona. Como presente nesse trecho de um empresário:

A revolução disse, ele, é uma doença. Cedo ou tarde as forças estrangeiras terão de intervir aqui, como qualquer um interviria para curar a doença de uma criança e ensiná-la a andar direito. Claro que isso seria tanto impróprio, mas os outros países precisam entender o perigo que o bolchevismo para eles próprios, com essas ideias contagiantes como a ditadura do proletariado e a revolução social internacional. (1917, p. 58)

Stepan Georgevich, conhecido como como o “Rockfeller russo” um homem de prestígio em razão do seu poder econômico, compartilhava uma visão dicotômica de mundo, bolchevismo como uma doença, a contrarrevolução seria a cura, a revolução o mal, as forças da contrarrevolução, o bem. A revolução precisaria urgentemente ser destruída antes que se espalhassem para todo o mundo. Como o socialismo era um movimento internacional, a resposta também deveria ser, por isso era necessário que os países aliados se unissem para combater-la o mais rápido possível.

Sobre isso, Trótsky afirma que “quanta mais se consolidava em Petrogrado o governo dos soviets, mais os grupos burgueses anunciavam a esperança de um apoio militar vindo do exterior”(1918, p. 93). Reed conseguiu captar desse modo, o sentimento que havia no “Rockfeller russo” que uma vez as forças conservadoras internas fossem incapazes de combater o bolchevismo, logo poderia vir o auxílio de forças estrangeiras.

Ainda sobre a visão do bolchevismo como uma doença, o historiador Domenico Losurdo em seu artigo “A revolução russa e o revisionismo histórico”, nos aponta que a revolução fora lida e ainda é por alguns historiadores como uma doença. Um exemplo dessa leitura é a do historiador Niall Ferguson que destaca: “duas epidemias assolaram o mundo em 1918. Uma foi a influenza espanhola [...] A outra epidemia foi o bolchevismo, que por determinado período pareceu quase tão contagioso quanto e no final das contas se provou tão letal quanto a influenza.”

Nesse sentido, a percepção desse historiador, embora, separado por um período de tempo considerável, é bem próxima das dos liberais russos, como o do próprio magnata citado anteriormente. Talvez essa aproximação na leitura da revolução como uma demonização, seja possível através de estreitas convergências ideológicas.

Segundo Losurdo “no entanto, para Ferguson, e para a ideologia hegemônica hoje, não há dúvida: a dominação colonial e o banho de sangue da guerra mundial são sinônimos de normalidade, ou mesmo de sanidade psicológica. (2017, p. 1) Esse trecho é relevante para entender como os liberais ocidentais criticavam a revolução, na medida que se omitiam e se silenciavam frente a exploração, opressão e o genocídio colonial.

A partir das descrições de John Reed, podemos conhecer como os grupos dominantes da Rússia enxergavam a revolução enquanto uma praga que deveria ser expurgada. Entretanto, nos seus relatos podemos observar uma postura contraditória. Em um primeiro momento, esses grupos diziam que Lênin eram um agente alemão, que operava para desestabilizar a Rússia. Como aponta Trótsky, “Na noite de 4 de julho, o então ministro da justiça, Pierievierziev entregou ‘documentos’ à imprensa que deveria demonstrar que os dirigentes do bolchevismo eram agentes pagos pelos alemães” (1918, p. 40).

No segundo, defendia a ocupação alemã, ante ao bolchevismo. Evidentemente, que essas falas e posturas são referentes a dois momentos diferentes, que refletem diversos interesses, mas que evidenciam um certo antagonismo. Sobre essa preferência a ocupação alemã, Reed traz um trecho de uma entrevista numa propriedade de pessoas aparentemente abastadas. Este salienta:

Grande parte das classes proprietárias prefere os alemães à Revolução- até mesmo o governo provisório- e não hesitaria em dizê-lo abertamente. Na casa da família russa onde eu me hospedava, o assunto na mesa de jantar, era quase sempre a chegada dos alemães, trazendo "lei e ordem"... Certa noite, estive na casa de um comerciante em Moscou; na hora do chá, perguntamos as onze pessoas que estavam à mesa se elas preferiam "Guilherme ou os bolcheviques". A votação foi dez a um a favor de Guilherme. (1917, p.59)

Para o autor, as classes proprietárias, são quase unânimes a ocupação estrangeira do que o governo bolchevique, o que ficou expresso na votação que foi feita informalmente entre os comerciantes na mesa de jantar. Em ambos os relatos, Reed traz à tona aspectos desses sujeitos sobre os desdobramentos políticos daquele momento, mas além disso, confere detalhes sobre sua condição sócioeconômica que nos ajudam a compreender qual a posição e o papel que este sujeito ocupa dentro dessa sociedade, para entender como e em que contexto se deu a formação desses discursos que são permeados de interesses.

Para os outros grupos sociais, como aos menos favorecidos, a revolução era lida por outro panorama. Ao trazer um embate de um soldado e de um estudante aparentemente de classe média, o autor nos proporciona os diferentes ângulos do que havia sobre aquele momento político. Sobre isso Reed salienta:

Um jovem alto com expressão de desdém, vestido com um uniforme de estudante, comandava os ataques.

- Vocês não percebem, dizia ele insolentemente, que erguendo armas contra os seus próprios irmãos, estão servindo de instrumentos para os assassinos e traidores?

- Escute, meu caro, respondeu o soldado, falando com fraqueza, você não entende. Há duas classes, percebe? O proletário e a burguesia. Nós...

-Ah, conheço essa conversa, respondeu o estudante com grosseria. Um bando de camponeses ignorantes como vocês, ouve alguém latindo palavras de ordem, não entendem o que eles querem dizer. Apenas a repetem como papagaios. A multidão ria.

- Eu estudo o marxismo e lhes digo, que não é pelo socialismo que estão lutando, mas assim por uma anarquia claramente pró-alemães.

-Ah, sim. Eu sei. Retrucou o soldado, com o suor escorrendo lhe pela testa. Você é uma pessoa estudada, isso é fácil de perceber, enquanto sou um homem simples. Mas parece-me...

- Você acredita mesmo? Interrompeu outro com desdém, que Lênin é realmente um amigo do proletariado?

- Sim, acredito. Respondeu o soldado, atormentado.

- Pois bem meu amigo, você sabia que Lênin foi mandado pelos alemães em um vagão blindado? Sabia que Lênin recebeu dinheiro dos alemães?

- Bem, eu não sei muita coisa sobre isso, respondeu obstinadamente o soldado.

Mas sinto o que ele diz é o que quero ouvir, assim como todas as pessoas simples como eu. Existem duas classes, a burguesia e o proletariado...

- Você é um estúpido!... (1917, p.250-251)

Reed a partir de seu estilo escrita, e por ter sido um autêntico jornalista das ruas, ou como alguns se reportam a ele, enquanto jornalista das barricadas. Pôde nos conferir relatos bastante interessantes do cotidiano da revolução na Rússia naquele período. Como no embate de sujeitos “comuns” nas ruas, em um processo de disputa política, entre sujeitos que defendiam projetos de sociedade antagônicos, em momento de relativa tensão.

Podemos perceber o posicionamento do soldado alinhado com o pensamento marxista, sobretudo aquele defendido por Lênin e Trótsky. Para Lênin (1920)<sup>18</sup> “a ditadura do proletariado é a guerra mais severa e implacável da nova classe contra um inimigo ainda mais poderoso, a burguesia” (1920, p.47).

Apesar das pressões do estudante no sentido de convencê-lo de que o soldado estaria lutando para desestabilizar o país e favorecer os alemães, este demonstrava-se convicto de que esta luta significava a construção de uma nova sociedade, orientada pelos princípios da solidariedade e justiça social.

---

<sup>18</sup> Obra publicada em 1920, intitulada “ Esquerdismo, doença infantil do comunismo” Lênin aponta uma das principais dificuldades encontrada pelos bolcheviques na conquista dos proletariados, assim como as razões pelas quais contribuiu para o êxito do processo revolucionário.

Isto perpassava sobretudo a derrota da burguesia, responsável pela opressão e a exploração dos trabalhadores.

Como demonstrado em vários momentos da interlocução com o estudante, o soldado não parece questionar ou reavaliar suas posições a partir das indagações feitas a ele. Muito pelo contrário, esse demonstra fiel aquilo que acredita e a figura do Lênin. Para Lênin (1920) isto foi crucial para o êxito da Revolução.

Hoje, sem dúvida, quase todo mundo já compreende que os bolcheviques não teriam se mantido no poder, não digo dois anos e meio, mas nem sequer dois meses e meio, não fosse a disciplina rigorosíssima, verdadeiramente férrea, de nosso Partido; não fosse o total e incondicional apoio da massa operária. (1920, p.47)

Podemos utilizar o soldado como fio condutor para entender o posicionamento das camadas populares que acreditaram piamente no partido bolchevique, sendo importante não apenas para a conquista do poder, como de sua própria manutenção.

A forma que Reed representa a fala do estudante, parece que ele não demonstra nenhuma afinidade pelos bolcheviques, muito pelo contrário, chega a expor um certo ódio aos revolucionários. O autor não traz mais detalhes sobre sua filiação partidária do estudante, mas pode-se sugerir que este era um governista. Ser governista nesse sentido, significava estar ao lado dos conciliadores. O próprio estudante confessava ter conhecimento sobre o marxismo para deslegitimar a luta do soldado. A esse respeito Trótsky salienta:

O papel político preponderante pertencia aos mencheviques. Estes haviam passado pela escola do marxismo e adotado certos métodos e costumes que lhes permitiam, orientar-se bem na situação política para falsear “cientificamente” o sentido da luta de classes e assegurar- em medida compatível com as circunstâncias atuais – a hegemonia da burguesia liberal. (1918, p. 64)

Outro ponto importante, é a forma pela qual o estudante se reporta ao soldado, “um bando de camponeses ignorantes como vocês”. John Reed permite compreender a origem desses soldados, que era campesina, como afirma Reis Filho (1983): “os soldados eram camponeses uniformizados, como a produção agrícola baseava-se sobretudo no braço humano, pode estimar o desfalque que a convocação de 8 milhões de homens provocou” (1983, p. 39).

Essa ideia também é confirmada por Pipes (1995): “por outro lado, a maioria da população camponesa fora recrutada para o exército” (1995, p. 85), o que corroboram com aquilo que foi trazido por Reed acerca da origem desses camponeses. Para Patrick (2017), nas vésperas da Revolução a 80% da população russa era campesina, (p. 29), nos indicando que os soldados e operários, quando não era campesinos, tinha uma linhagem direta com o campo.

### **3.2 Processo de organização, mobilização e luta política**

Tendo em vista a composição social da Rússia, os grupos e as forças políticas que atuavam naquele contexto, cabe aqui fazermos um aprofundamento a partir da obra do autor, que nos fornece preciosos relatos, de como foi o processo de organização e luta política dos trabalhadores que culminariam com a tomada do poder.

#### **3.2.1 Os camponeses**

John Reed em sua incursão pela Rússia teve contato com os mais variados grupos sociais, sendo os camponeses um deles e buscou acompanhar de perto seus cotidianos. É importante entender esse segmento como diverso e plural, contudo, Reed se refere especificamente aos camponeses empobrecidos, analisando sua crescente insatisfação com o estado de letargia do governo provisório para com suas demandas e o processo de conscientização e ação política. Como frisa nesse trecho, ao se fazer presente numa reunião no Soviete de Petrogrado:

Um camponês falou sobre os distúrbios ocorridos em Tver, que segundo ele, foram provocados pela prisão dos comitês rurais. “Esse Kerenski não passa de um escudo dos pomieshchiki (proprietários rurais) exclamou. Eles sabem a Assembleia Constituinte lhes tirará as terras de qualquer maneira, então procuram destruir a Assembleia Constituinte (1917, p. 93).

A forma pela qual Reed traz essa fala do camponês é reveladora do grau de insatisfação que havia nessa categoria. O governo provisório prometia

a convocação de uma Assembleia Constituinte, que seria democrática, plural e participativa que iria resolver os grandes problemas que abatiam o campesinato. Contudo, a convocação dessa era sempre adiada. Segundo Trótsky (1918), ‘os ministros ‘socialistas’ tentavam convencer as massas a ter paciência. Todas as decisões e os eventos importantes, sobretudo a Assembleia Constituinte, eram postergados” (1918, p. 34).

Patrick (2017) demonstra um certo alinhamento com Trótsky ao afirmar que “apesar da gravidade do problema fundiário, e dos relatos de confisco de terras, a partir do início do verão de 1917, o Governo Provisório postergou a questão da reforma agrária” (2017, p. 86). Embora o governo provisório compreendesse importância de algumas reformas, como a agrária, as alianças estabelecidas com os Cadetes delimitavam as ações do governo.

Outro aspecto relevante, é como esse camponês concebe o governo provisório como fiel representante da burguesia em favor dos grandes proprietários em detrimento dos pequenos camponeses. Essa posição do camponês pode ser correlacionada com o pensamento de Lênin (1920), ao criticar o governo provisório e os mencheviques ressalta:

Começaram pela traição, justificando direta ou indiretamente a “defesa da pátria” isto é, a defesa de sua burguesia espoliadora, e persistiram na traição coligando-se do seu país e lutando ao seu lado contra o proletariado revolucionário de seu próprio país (1920, p. 69)

Ao se referir aos proletariados, podemos também sugerir uma menção a população de modo geral, que como foi dita anteriormente são ou têm origem camponesa. Essa ação enérgica do governo contra os camponeses, contribuiu para o aprofundamento da crise política, o que Reed analisa como a falta de interesse daqueles que estavam no poder em atender minimamente os interesses dos camponeses, fez com que se esgotasse qualquer expectativa de mudanças vindas do governo provisório.

Por outro lado, Reed examina como os camponeses, decidindo agir por conta própria, vão promover algumas ações que viesse solucionar os seus problemas. Como pode ser demonstrado nesse trecho:

De uma forma ou de outra, a Revolução já completava oito meses e tinha pouca coisa para mostrar... Enquanto isso, os soldados começavam a resolver a questão da paz por conta própria,

simplesmente desertando, os camponeses incendiavam propriedades rurais e ocupavam os latifúndios; os operários sabotavam e faziam greves (1917, p. 53).

Assim como os operários e soldados, que a partir de ações políticas coletivas passavam a buscar resolver as suas próprias questões, os camponeses buscaram resolvê-las a partir da expropriação e apropriação das terras disponíveis, mas concomitante a isso, passaram a formar os comitês agrários que tinham como objetivo central lutar em prol dos seus interesses, visando também uma maior representatividade nos Sovietes. Sobre isso, Trótsky (1917) ressalta: “as massas camponesas impacientavam-se mais e mais. Aquilo que havíamos previsto no início da revolução começava acontecer: os camponeses tomavam as terras por conta própria (1917, p.55).

Nessa obra Reed faz ainda uma análise de forma singular como se deu esse processo, destacando suas próprias dificuldades, nesses organismos de representação, como expresso nesse trecho:

Ainda se mantinham conservadores, pois, nos distritos rurais mais atrasados, a consciência política avançava lentamente e o partido dos socialistas revolucionários fora, durante toda uma geração, aquele que mais atuara junto aos camponeses. Mas mesmo entre os camponeses começava a se formar uma ala mais revolucionária. (1917, p. 57)

O fato desses organismos serem conservadores, se deve da grande presença dos Socialistas Revolucionários, que faziam parte dos conciliadores que davam sustentação ao governo provisório. Contudo, como o próprio Reed aponta que os comitês agrários passavam paulatinamente ao controle dos bolcheviques. Trótsky indica que nesse período houve uma guinada contra os interesses dos conciliadores: “no interior do país os soviets um após o outro para o campo do bolchevismo” (1917, p. 48).

A forma no qual Reed destaca o processo de conscientização e luta política dos camponeses, enfatizando o seu protagonismo no processo de construção revolucionária, no qual é confirmada por Trótsky. É também confirmado por estudos de Reis Filho (1989), que segundo ele:

No campo, em setembro, 77% dos distritos da Rússia europeia, são afetados pela partilha das terras. No Norte, na Transcaucásia e na Sibéria a proporção chegará a 91%. Os camponeses realizam a reforma agrária na prática, organizando nos comitês agrários de aldeias. A escalada das expropriações tinha suas razões, é que o tempo da sementeira chegou. (1989, p. 57).

Em sua estadia na Rússia, Reed a descreveu como verdadeiro ambiente de efervescência política, onde as massas estavam crédulas que a Revolução estaria próxima e era necessário ações para a sua realização. Contudo, o autor aponta como o governo provisório buscava abafar essas rebeliões que como Araújo aponta vinha se fortalecendo desde de Maio:

Em maio houve 678 rebeliões em 236 distritos, em junho 988 em 280 distritos. Os camponeses começavam tomando as pastagens, passavam aos bosques, aos estoques, às forragens, às colheitas, ao material agrícola, fixavam o montante dos arrendamentos e, em alguns lugares terminavam incendiando a casa do senhor da terra e eliminavam. O governo tentava reprimir sem êxito, os camponeses se organizavam em comitês agrários... (1989, p. 52-53).

As ações políticas dos camponeses cresciam exponencialmente, como a tomada de terras, até mesmo provocando incêndios à propriedades que esses identificavam como dos patrões exploradores e opressores. Contudo, as medidas repressivas perpetradas pelo Estado contra esses camponeses também são descritas por Reed, que ao acessar um jornal chamado *O campesinato pobre* conheceu esse canal de expressão das opiniões bolcheviques e conheceu denúncias de violências que eram cometidas contra os camponeses. Segundo Reed, o jornal destacava: “os contrarrevolucionários se rejubilam diante das desgraças do povo. Os camponeses, levados ao desespero, revoltam-se abertamente; os proprietários de terras os massacram com operações punitivas” (1917, p.83).

O autor expõe a repressão implacável do governo contra a ação política das massas, as quais revelava ainda mais o seu caráter classista. Segundo Lênin, ao se formar o Estado, produto dos antagonismos da sociedade, exploradores e explorados, forma-se também forças especiais, isto é, a montagem de um aparelho repressivo para subjugar uma classe pela outra (1917, p.33). A repressão contra os camponeses que lutavam por terra e pela dignidade humana também é destacada por Trótsky:

As delegações rurais corriam para o Soviete de Petrogrado. Queixavam-se da prisão de camponeses quando estes, em consonância com o programa do Soviete de Petrogrado, transferiam as terras para as mãos dos comitês de camponeses. Os camponeses pediam a nossa proteção (1918, p. 55).

Reed não se aprofunda no exame dos camponeses em geral. Talvez por estar em Petrogrado epicentro da Revolução, tenha lançado um olhar direcionado aos operários e soldados ali em envolvidos nas inúmeras reuniões no Soviete dessa cidade. Isso explica, como veremos adiante, um maior número de relatos sobre soldados e operários, sujeitos ditos “comuns”, assim como também de figuras que se encontravam em posições de destaque, como Lênin, Trótsky dentre outros.

### **3.2.2 A luta política dos soldados**

Em 1914, a Rússia entrava na guerra ao lado da França e Grã-Bretanha contra os aliados, Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, agravando problemas econômicos, políticos e sociais existentes e alimentou uma onda de insatisfação que culminou com a derrubada do czarismo. O novo governo provisório decide manter o país no conflito, ao passo que a população descontente, sobretudo os soldados. Reed, a partir de sua produção traz informações reveladora sobre o cotidiano desses sujeitos e como esses liam e compreendiam a realidade nas quais estavam envolvidos. Como nesse primeiro relato de um soldado:

Um soldado do front romeno, magro, dramático e rude gritava: Camaradas, estamos passando fome no front, estamos enrijecidos, de tanto frio. Estamos morrendo em nome de nada. Peço aos camaradas norte-americano, que divulguem em seu país, que os russos jamais desistirão da revolução, até a morte. Manteremos nossas posições com todas as forças até que os povos do mundo inteiro se levantem e venham ao nosso auxílio. Digam aos trabalhadores norte-americanos que eles precisam erguer e lutar pela revolução social (1917, p. 82).

Lênin, em sua obra “Imperialismo, estágio superior do capitalismo”, analisa a natureza do capitalismo e o seu desenvolvimento, assim como o caráter capitalista e imperialista da primeira guerra, como um processo em que

as grandes empresas monopolistas apoiadas Estados imperialistas, sobretudo os europeus buscaram novas zonas de influência no mundo. A primeira guerra em sua perspectiva seria o acirramento dessas disputas no qual é levada as suas últimas consequências.

O soldado em seu relato parece comungar com essa tese, compreendendo que esta é uma guerra capitalista que não tem relação com seus interesses, ao afirmar que "estamos morrendo em nome de nada". Essa posição do soldado também tem uma ligação com os ideários propagandísticos antiguerra que cada vez se proliferavam entre os soldados no front. Como destaca Trótski:

os agitadores revolucionários explicavam os soldados que o governo do czar os enviara sem objetivo ou razão para o matadouro; e que os sucessores do czar não conseguiam mudar o caráter da guerra nem empreender uma luta de paz. (1918, p.27)

Desse modo, podemos compreender a partir daquilo que foi trazido por Reed, que os soldados tinham a percepção que lutar naquele conflito só trazia dor, sofrimento, perdas irreparáveis e que não havia nenhum saldo positivo, pelo ou menos para sua categoria. Mas os mencheviques e socialistas que davam sustentação ao governo provisório e apoiavam a guerra iam ficando desacreditados pela sociedade. Reed traz ainda outros relatos como podemos observar:

"Camaradas - ele gritou, e seu semblante extenuado e seus gestos desesperados denotavam uma grande angústia-, os homens lá de cima estão sempre nos pedindo mais sacrifícios, enquanto aqueles que têm tudo permanecem intocados. Estamos em guerra com a Alemanha, convidaríamos os generais a integrar o nosso Estado-Maior? Pois bem, estamos em guerra também contra os capitalistas, no entanto, os convidamos a integrar o nosso governo...

O soldado diz: mostre-me o motivo pelo qual estou lutando. É por Constantinopla por uma Rússia livre? É pela democracia ou pela pilhagem capitalista? Se vocês conseguirem me prova que estou defendendo a Revolução, então eu saio daqui e vou pra luta sem necessidade nenhuma pena capital para me forçar a isso"

Quando a terra pertencer aos camponeses, e as fábricas aos operários, e poder aos soviets, aí sim, saberemos que temos algo que lutar, e iremos lutar por isso." (1917, p. 73).

Nessa outra fala trazida por Reed, um soldado da 558ª divisão, podemos observar, que havia uma enorme insatisfação por parte dos soldados que

estavam no front lutando por uma causa as quais não os pertencia. Em suas falas este se pergunta o porquê dessa luta? E quais são os seus interesses?

Há uma compreensão similar à do outro soldado, que esta era uma guerra apoiada e financiada por potências capitalistas e imperialistas que tinham objetivos muito claros como a manutenção e conquista de novos territórios, e a opressão e violência colonial. Reed nos traz um soldado de viés revolucionário, que entendia as razões pelas quais deveria lutar, nos quais fariam minimamente sentido, como lutando por uma sociedade do ponto de vista social.

Antes de trazer os relatos sobre os soldados e suas falas, Reed costuma introduzir de modo muito detalhado o ambiente no qual se encontravam esses sujeitos. Como citado por Araão (1989) anteriormente acerca do clima de agitação política que havia entre os camponeses, assim como Patrick (2017) destaca essa ebulição que tinham se intensificado nas jornadas de julho, que segundo a autora: “petrogrado explodiu de novo em manifestações de massa, violência nas ruas e desordem popular” (2017, p. 87).

Reed explicita toda essa conjuntura ao descrever com a cidade de São Petersburgo, se tornou palco de disputas políticas, aos quais todos os espaços se tornavam lugar para debate e embates políticos. Como podemos notar nesse trecho:

E havia o imenso fluxo de conversação entre as pessoas, ao lado do qual a “torrente de loquacidade francesa” de que falava Carlyle, parecia tímido fio d’água. Conferências, debates, discursos- nos teatros, nos circos, nas escolas, nos clubes, nas salas de reunião dos soviets, nas sedes de sindicatos, nas casernas... Reuniões nas trincheiras do front, nas praças dos vilarejos, nas fábricas... Que espetáculo maravilhoso era ver Putilovsk Zavod (a fábrica de Putilov) liberando seus 40 mil operários para ouvirem os social-democratas, os socialistas revolucionários, anarquistas e qualquer um, pouco importavam o que tivessem a dizer e por quanto tempo. (1917, p. 66)

O autor demonstra ficar maravilhado ao que acontecia nas ruas de Petrogrado. As massas segundo ele, pareciam contagiadas pelo espírito político, estavam dispostas a empreender uma série debates nos mais variados lugares visando a transformação coletiva da sociedade. A Rússia a véspera da Revolução o encantava, algo que não era visto nos Estados Unidos, pelo ou

menos quando fora indagado inúmeras vezes pelos russos em suas entrevistas. Os sovietes eram os principais espaços de debates e de decisões políticas. Segundo Hill (1983) “os sovietes, assembleias de representantes de fábricas, e organizações da classe trabalhadora, eram únicas instituições democráticas do país” (1983, p. 84).

Reed na maioria das vezes representa os soldados e seus falas justamente ocorrendo no interior dos sovietes. Este observa como esses lugares eram autenticamente democráticos. Como podemos observar neste fragmento:

Nada podia ser mais chocante do que o contraste entre essa assembleia e o congresso dos sovietes. Neste havia grandes massas de soldados esfarrapados, operários imundos, camponeses, homens pobres, curvados, com a pele marcada pela luta brutal pela sobrevivência; na outra sala, os líderes dos mencheviques e dos socialistas revolucionários- os Avksentievs, os Dans, os Liebers- os ex-ministros socialistas, os Skobelievs, os Tchernovs-, lado a lado, com o Cadete como o todo gorduroso Shatski, o escorregadio Vinaver; além de jornalistas, estudantes, e intelectuais de todas as matrizes. A multidão presente na Duma era formada por gente bem alimentada e bem vestida; não vi mais que três proletários ali no meio (1983, p.179).

Os sovietes se apresentam enquanto um ambiente estritamente popular, em detrimento da Duma que era um lugar reservado aos grupos dominantes. Para Pipes (1995) “a Duma pretendia conter a Revolução e seus membros teriam ficado satisfeitos em represar o fluxo dos acontecimentos” (1995, p.99). Segundo ele, a Duma tinha um objetivo em conter a Revolução, enquanto os Sovietes buscavam aprofundá-la. Dessa forma, poderíamos sugerir que a Burguesia ocupava a Duma, e essa tinha função de conter os ânimos tendo uma postura mais conservadora, enquanto os sovietes tinham o caráter popular visava a radicalização do processo, assim como o próprio Reed descreve.

Sobre isso Patrick (2017), destaca o caráter popular e elitista desses dois espaços de poder antagônicos, e como isso também foi produto de uma revolução que aglutinou diferentes grupos sociais, políticos econômicos. Segundo ela “ Em termos institucionais o novo governo provisório representaria a revolução da elite, enquanto o recém-reativado Soviete de Petrogrado, falaria pela revolução do povo” (2017, p .63). Ao se referir à institucionalidade da

revolução burguesa, a autora se refere à Duma como um espaço controlado pelos grupos proprietários, confirmando as descrições de Reed.

Reed demonstra esses espaços, nos quais as massas populares, sobretudo os soldados, manifestavam suas posições e pautavam o debate. Ao descrever uma reunião como aproximadamente dois mil soldados, Reed enfatiza um discurso de um soldado insatisfeito com o conflito:

Um soldado subiu no tanque, o rosto pálido e contraído. “Camaradas”, exclamou, “venho da frente romena, a fim de insistir juntos a todos vocês: precisamos da paz! Uma paz imediata! Quem quer que nos traga a paz, sejam bolcheviques, ou este novo governo, nós seguiremos. Paz! Nós que estamos no front não temos condições de continuar lutando. Não podemos enfrentar nem os alemães nem os russos.” Pulou de volta ao chão, e uma espécie de gemido surdo emanou naquela massa agitada, logo transformado em algo muito próximo da ira, quando um orador seguinte, um menchevique oboronets, passou a defender que a guerra tinha de continuar até a vitória final dos aliados (1917, p.222-223).

Em seus escritos Reed descreve os soldados numa situação de esgotamento em relação a guerra, onde não haveria mais condições físicas e materiais para permanecerem no conflito. Trótsky também descreve a situação desses soldados no front.

No front a situação piorava a cada dia. O frio de outono se aproximava com suas chuvas e lamaçais. Um quarto inverno em guerra era iminente. A comida dos soldados se tornava cada dia pior. A retaguarda havia esquecido o front; os regimentos não tinham nem substituições, nem reforços, nem roupas quentes que seriam necessárias. As deserções se multiplicavam dia após dia. (1918, p.54)

Trótsky está em consonância com aquilo que Reed apresenta acerca da situação dos soldados no front, descrevendo uma situação de penúria e desgaste que vai aumentando a insatisfação desses sujeitos. Na véspera da Revolução de outubro, à estrutura de guerra da Rússia estavam bastante fragilizados como de acordo com Araújo:

Nas frentes de batalha grassava a desmoralização. Atos de confraternização com os alemães, deserções, indisciplina, execução de oficiais, desagregação era mais aguda nas guarnições das

idades. Os soldados estavam dispostos, menos a combater (1983, p. 61).

Segundo o autor havia algo que colocava tudo a perder para o exército russo no conflito: a indisposição dos soldados de continuarem lutando. Dentre as ações desenvolvidas pelos soldados, a deserção e a indisciplina podem ser consideradas como resistência desses soldados em aceitar as ordens vindas dos seus superiores. Outra disputa que havia entre eles era para ocupação dos comitês de soldados, pois eram espaços de poder e decisão que havia dentro do exército, entretanto que dava a tônica nesses espaços era os conciliadores favoráveis a guerra.

Reed buscou nessa obra conceder uma atenção que quase que especial aos soldados. A partir dos discursos que ele cobre dos soldados no interior dos soviets, é perceptível, que conforme aumentava a insatisfação em relação a guerra entre os soldados, também intensificava a pressão para que houvesse um novo pleito dentre dos comitês dos soldados para que modificasse a sua composição e algumas diretrizes que regia a suas políticas durante a guerra. Como esse destaca nesse trecho:

Assim que ele saltou da tribuna, saltou em direção a ela um jovem soldado de rosto magro e com os olhos cintilantes, que ergueu uma das mãos em um gesto dramático: "Camaradas, gritou ele, e um silêncio se apoderou da sala. "Meu nome de família é Peterson. Falo aqui em nome do 2º Batalhão de Artilharia Letão. Vocês ouviram a intervenção de dois representantes dos comitês do Exército; essas intervenções teriam algum valor se seus autores fossem representantes do Exército..." Fortes aplausos "mas eles não representam os soldados!" Brandiu em Punho. "O 12º Exército vem insistindo de há muito na necessidade de uma nova eleição no Grande Soviete e no Comitê do Exército, mas, assim como seu Tsik, nosso comitê se recusava a convocar uma reunião dos representantes das massas até o fim de setembro, por isso os reacionários puderam eleger seus próprios falsos delegados para este congresso. Digo-lhes, agora, o que os soldados dos letões já disseram várias vezes: 'Basta de resoluções! Basta de conversas! Queremos Atos. O poder tem de estar em nossas mãos!'. Deixem esses delegados impostores se retirarem do Congresso. O Exército não está com ele!" A sala estremeceu em aplausos. (1917, p.150)

A partir desse relato no qual Reed acompanhou, pode-se constatar a perda de legitimidade que esses comitês passaram a ter frente aos soldados. Esses como o próprio soldado diz: "não nos representa". Essa falta de

representatividade iria criando as condições necessárias para que houvessem novos pleitos nos quais esses fossem substituídos por representantes autenticamente populares, como outras lideranças que tivessem uma maior sintonia com as demandas e os interesses desses soldados.

Isto porque os oficiais eram cada vez vistos como representantes dos conciliadores, e da burguesia. Patrick (2017), ao analisar os estudos de Wildman, destaca que os soldados “Viam os oficiais e governo como pertencentes à classe dos “senhores” e identificavam os seus próprios interesses como aqueles operários de Petrogrado” (2017, p.81) Sobre essa aversão aos oficiais, podemos notar a partir de outro trecho de Reed, de uma das falas de outro soldado:

Os oficiais não colaboram com os nossos comitês, eles nos entregam ao inimigo, aplicam a pena de morte contra os nossos agitadores, e o governo contrarrevolucionário os apoia. Acreditávamos que a Revolução traria paz. Mas até agora o governo nos proíbe de falar no assunto. (1917, p. 74)

Além de não colaborar com os comitês, os oficiais punem os soldados com a pena de máxima, condenando a própria morte, abalando ainda mais a relações com os oficiais que eram majoritariamente pertencentes as classes dominantes e se apoiavam ideologicamente nos conciliadores como Mencheviques, Socialistas e também nos Cadetes. O próprio Reed traz algumas falas que retratam as percepções desses sujeitos acerca da conjuntura política daquele momento, assim como suas visões de mundo. Como a de um oficial menchevique, como podemos observar nesse trecho:

“Não se trata de saber quem tem poder. O problema não é o governo, mas a guerra... e a guerra precisa ser ganha antes de qualquer mudança”

– Vaias e exclamações irônicas. “Esses bolcheviques são todos demagogos!” A sala inteira cai na gargalhada.

“Esqueçamos por um momento essa luta de classes”. Mas ele não consegue continuar”

Segundo Reed, o oficial quase que não conseguiu concluir o seu discurso no Soviete de Petrogrado graças as manifestações contrárias à sua fala. O seu posicionamento traduz as posições dos conciliadores, ao acusar

tanto os bolcheviques de demagogos ou até mesmo tentando negar a ideia de luta de classes. Sobre essa última assertiva Trótsky destaca:

Estes haviam passado pela escola do marxismo e adotado certos métodos e costumes que lhes permitiam orientar-se relativamente bem na situação política para falsear "cientificamente" o sentido da luta de classes e assegurar - em medida compatível com as circunstâncias atuais - a hegemonia da burguesia liberal (1918, p.64).

Dessa forma, ao rechaçar a ideia de luta de classes de Marx defendendo a ideia de conciliação, ao invés do enfretamento de grandes interesses visando a construção do socialismo, os mencheviques e os socialistas revolucionários estariam a serviço das classes dominantes contra o proletariado. Esse discurso secundarizando a luta de classes feito pelo oficial, como mostrou Reed, que era tipicamente dos mencheviques como Trótsky apontou, era bastante explorado em prol da guerra, com um tom patriótico e dentro de uma perspectiva de unidade nacional.

Assim, no que concerne as divisões sociais e políticas, que haviam na organização militar. Os soldados perceberam que não compartilhavam dos mesmos interesses dos oficiais que ocupavam os comitês do exército, e tomaram as rédeas do processo. O autor aponta como se deu esse processo da conquista desses espaços.

Em algumas localidades, a população, impedida de realizar eleições normais de seus delegados para os soviets, improvisava reuniões e elegia representantes para irem a Petrogrado. Em outras, derrubavam os comitês obstrucionistas antigos e constituíam outro em seu lugar (1917, p. 80).

Reed nos fornece detalhes importantes de como os soldados insatisfeitos com o conflito protagonizaram importantes lutas políticas que foram fundamentais para ocupar os comitês dos soldados, eleger delegados como representantes para os soviets, isso foi fundamental para concretizar a Revolução. Lênin ao apontar as razões pelas quais levou o êxito bolchevique escreveu:

"E se o bolchevismo pode triunfar em 1917-1920, uma das causas fundamentais dessa vitória consiste em que ele, desde de fins de 1914, desmascarou impiedosamente a vileza, a infâmia e a objeção do social-chauvinismo e do "kautskismo" (ao qual correspondeu o

longuetismo na França, as ideias dos chefes do Partido Trabalhista Independente e dos fabianos na Inglaterra, de Turati na Itália e etc.) e em que as massas foram se convencendo cada vez mais, por experiência própria, de que as concepções bolcheviques eram corretas.(1920, p.55)

Sobre esse convencimento das massas que o governo provisório não os representava, está presente em vários discursos que John cobriu. Após os bolcheviques terem tomado o poder efetivamente, Reed cobre uma reunião bastante intensa dentro do Soviete, no qual ainda havia um clima de insegurança em relação ao futuro, mas a partir dos discursos de alguns soldados, podemos perceber que demonstravam em sua oratória uma grande convicção do lado pelo qual lutavam. Como podemos observar:

Como posso fazer para convencer vocês, se vocês já estão convencidos? A questão é muito clara. De um lado estão Kerenski, Kaledin, Kornilov, os mencheviques, os socialistas revolucionários, o Cadete e os membros da Duma, os oficiais... Eles nos dizem que suas intenções são boas. Do outro lado estão os operários, os soldados e os marinheiros, os camponeses pobres. O governo está nas mãos de vocês. Vocês são os senhores. A grande Rússia pertence a vocês. Irão dá-la de volta aos antigos senhores? (1917, p.225)

Logo em seguida, Reed descreve como este foi grandemente ovacionado. O soldado deixava claro que haviam apenas dos lados em disputa, o lado daqueles que buscavam resgatar e garantir o poder aos grupos dominantes, enquanto o outro representava o poder popular, deixando claro que não apenas o soldado estava convicto de suas posições.

Dessa forma, John Reed traz detalhes relevantes a partir tanto dos depoimentos coletados desses indivíduos que atuaram no processo, quanto fruto de suas próprias análises o que nos auxiliam para melhor entender a percepção desses sujeitos do que significou todo aquele momento de efervescência e mudanças políticas que desembocou na revolução. Nesse sentido, o autor evidencia como os soldados desempenharam um papel de protagonismo que foi essencial para tomada do poder pelos bolcheviques, pois esses tinham afinidades ideológicas com as propostas do partido, que em última instância teriam sido forjadas a partir de suas pautas comuns reivindicatórias.

### **3.2.3 Os operários e a revolução russa**

Após a entrada da Rússia no primeiro conflito mundial em 1914, os problemas econômicos, políticos e sociais que haviam na Rússia foram acentuados. O recrutamento de soldados oriundos do campo impacta profundamente a produtividade de alimentos causando, entre outros problemas, a fome se intensifica. Nas fábricas, a economia de guerra faz com que a produção seja destinada a atender as necessidades do conflito, com uma maior disciplina e exaustão no trabalho.

Concomitante a isso, há um enorme crescimento da insatisfação dos operários que passam a se organizar promover ação política reivindicando redução da jornada de trabalho, melhores condições no ambiente de trabalho e salários mais justos. Em 1917, durante a vigência do governo provisório, as pautas dos operários eram ignoradas, como aponta Patrick (1917): “o governo provisório recusou a pretexto do esforço de guerra: salários, horas extras, e proteção contra o desemprego” (2017, p. 82), sendo apenas conquistado a redução da jornada de trabalho apenas em junho.

É nesse contexto que John Reed encontra os operários em um momento de intensa luta política, no qual as energias das jornadas de junho e julho pareciam não ter arrefecido e sim potencializado. Sobre esse momento Araújo (1983) chama a atenção para “uma grande passeata em Petrogrado, em homenagem ao I Congresso dos Sovietes, reúne mais de 500 mil pessoas, em 18 de junho.” (1983, p.53). Ao acompanhar algumas reuniões nos sovietes de Petrogrado, Reed traz alguns relatos que exprimia o sentimento e as expectativas desses sujeitos, como podemos observar:

Levantou-se um operário simples, com o rosto contraído de tanta ira. – “Falo aqui em nome do proletariado de Petrogrado”, disse ele rudemente. – “Somos favoráveis a uma insurreição. Façam o que acharem melhor, mas eu digo que, se vocês permitirem que os sovietes sejam destruídos, nos acabaremos com vocês!” Alguns soldados o apoiaram... Em seguida, houve uma nova votação- e a insurreição fora aprovada. (1917, p. 91)

Após o partido bolchevique conquistar maioria no Soviete de Petrogrado em setembro, e posteriormente ter ocupado maioria na direção executiva do soviete, John Reed traz parte do discurso de um operário russo que aparentemente expressa aquilo que deveria ser feito, uma vez que esses tinham ocupado um espaço de poder e decisão tão importante. É representado desse modo, um operário que clama para que fosse promulgado pelo Soviete a insurreição, para que os operários, soldados e camponeses tomassem efetivamente o poder da burguesia. Sobre isso Trótsky afirmou:

Havia uma campanha violenta de agitação. Foi um período de contínuas reuniões nas fábricas, nos circos Modernos e Tchinzíeli, nos clubes e nos quartéis. Toda alusão a Revolução que se aproximava era acolhida com uma tempestade de aplausos e gritos de entusiasmo (1918, p. 72)

De acordo com Trótsky, havia uma pressão operária para que houvesse efetivamente a revolução, algo que o Reed trouxe na fala desse operário. Em outro momento, este traz o discurso um outro operário que sugere um descontentamento com a burguesia:

Um mecânico da fábrica de Putilov contou como os chefes estavam sabotando as seções, uma a uma, alegando falta de combustível e matéria-prima. Mas o comitê de fábrica- ele afirmou- descobriu grande quantidade de suprimentos escondidos. "é uma provocatzia" disse ele. "Eles querem nos fazer passar fome, ou nos forçar à violência. (1917, p.93)

Ao trazer esse trecho do operário, o autor evidencia que, este tinha plena consciência de como funcionava as estratégias dos patrões para desestabilizar a revolução. Contudo, esse também demonstra conhecimento, do contrário do que pensavam, que essa tática ao invés de enfraquece-los poderia potencializar a radicalidade da luta política. Araújo (1983) descreve como as tentativas da burguesia rural eram respondidas pelas massas: "que fazer? Os bolcheviques optaram pelos destacamentos de ferro, grupos de operários armados, que iam ao campo descobrir celeiros de grãos, expropriá-los e enviá-los a cidade, o inimigo declarado era a burguesia rural" (1983, p.83).

Reed não desenvolve muito as falas dos operários, em contrapartida, nos traz de forma rica em detalhes as falas dos seus representantes. Cabe

aqui destacar duas que foram emitidas por seus principais líderes Trótsky e Lênin em diferentes momentos do processo revolucionário. Ao analisar a obra de Reed não encontrei nenhuma menção a Stálin, pelo ou menos de forma direta.

Nessa primeira fala, Reed se encontra com Trótsky no Smolny, num momento que o governo provisório, encontrava-se bastante fragilizado. Como podemos observar nesse trecho:

[...] O governo provisório está absolutamente impotente. A burguesia controla tudo, mas este controle está camuflado por uma coalizão fictícia com os partidos oborontsi. Durante toda a revolução temos visto os camponeses se rebelarem, cansados de esperar pelas terras que lhes foram prometidas; esse desgosto é evidente entre as classes trabalhadoras no país inteiro. A burguesia não te como manter o poder a não ser recorrente a guerra civil [...]

Nessa entrevista, Reed consegue revelar um pouco daquilo que Trótsky entendia acerca da conjuntura política daquele momento e o que este compreendia enquanto revolução. O governo provisório encontrava-se numa situação bastante difícil e se apoiando em partidos que naquela altura não gozavam de prestígio e apoio social, como vimos anteriormente. Portanto, quanto mais se expressava essa fraqueza do governo, mais as massas se movimentavam para viabilizar as mudanças necessárias. Essa ação política transformadora das massas eram o sinal da própria revolução.

[...]O método de Kornilov é o único que permite a burguesia exercer o controle. Mas ela dispõe dessa força. Os conciliadores e pacifistas, socialistas revolucionários e mencheviques perderam toda a autoridade, porque o conflito entre camponeses e proprietários rurais, entre os empregados e seus empregadores, entre os soldados e oficiais tornou-se mais encarniçado, mais irreconciliável do que nunca[...] (1917, p.104)

Segundo Trótsky a única forma da burguesia se manter no poder, seria a partir de um regime autoritário. Este ainda cita o caso Kornílov, um general que tentou dar um golpe de Estado apoiado pela burguesia russa contra o governo de Kerenski, pois este governo não conseguia dar uma resposta mais enérgica na repressão as massas.

O próprio liberal Pipes reconheceu isso: “os políticos liberais conservadores começaram a ver Kornílov como o salvador da pátria” (1995,

p.145) Contudo, a tentativa de golpe não fora êxito graças a mobilização das massas na contenção dos golpistas. Em outro momento da entrevista ele destaca os soviets:

[...] Os soviets constituem a mais perfeita representação do povo-perfeita em sua experiência revolucionária, em suas ideias e objetivos. Baseados diretamente nos soldados das trincheiras, nos operários das fábricas e nos camponeses, eles formam a espinha dorsal da Revolução. (1917, p.104)

Nesse outro trecho Trótsky, mostra seu encantamento pelos soviets símbolo do poder popular como esse enfatiza. Reed ao ter o privilégio de entrevistar uma das figuras mais proeminentes da Revolução, possibilita que possamos minimamente compreender o que foi esse processo a partir do seu olhar.

Em outra ocasião, pouco antes da tomada do poder efetivamente pelos bolcheviques, Reed relata o momento que mantém um contato visual com Lênin pouco antes desse discursar no Soviete de Petrogrado:

Eram oito e quarenta quando uma tempestade de aclamações anunciou a chegada dos integrantes da mesa, com Lênin- o Grande Lênin- no meio deles. Uma figura pequena, atarracada, com uma cabeça enorme, enfiada entre os ombros, calva e abaulada. Olhos pequeninos, um nariz achatado, uma boca de lábios grandes e queixo pronunciado; estava inteiramente barbeado, mas, já deixando entrever sinais de barba que sempre fora e continuaria a ser uma característica sua. (1917, p.185)

Para além de descrever cada detalhe do corpo e do rosto de Lênin, Reed nos permite compreender também como havia toda uma espetacularização em torno de sua figura. A sua própria chegada no ambiente parecia arrebatá-lo os ânimos das massas que o viam enquanto um fiel representante. Em um momento que as "antigas" lideranças pareciam desacreditadas, como demonstrado pelo próprio Reed e outros autores. Até mesmo Pipes com todas as suas aversões a figura de Lênin o considera como um líder nato.

Sobre Reed ainda destaca para além de se alinhar ideologicamente sobre aquilo que essas pensavam e sentiam, este tinha a [...] "grande poder de explicar ideias profundas, usando palavras simples e de analisar uma situação concreta" [...] (1917, p.186).

Ao privilegiar o discurso de Lênin no Soviete de Petrogrado, John Reed também permite que compreendemos a partir de sua obra a perspectiva desse sujeito acerca da Revolução, como podemos observar nesse fragmento:

Neste momento, passamos à construção da ordem socialista! – Mais uma vez, uma vibração ensurdecadora.  
A primeira coisa é fazer é adotarmos medidas concretas para estabelecer a paz... Proporemos a paz aos povos de todos os países beligerantes, nos termos definidos pelo soviete- sem anexações, sem indenizações e com direito a todos os povos à sua autodeterminação.  
(2017, p.187)

As falas de Lênin representadas por Reed, traduzem o pensamento de Lênin que foram trazidas anteriormente. A Revolução significava pra ele a constituição de uma nova sociedade pautada nos valores da igualdade presentes no marxismo. Por outro lado, a primeira ação a ser tomada naquele momento seria pôr fim a participação russa na guerra, pois o conflito segundo ele era produto de disputas imperialistas e seria inconcebível um Estado proletariado compactuar com a continuidade no conflito.

Além disso, a guerra penalizava e deteriorava as condições de vida dos seus participantes, as massas russas. Encerrar a guerra para Lênin, significaria criar as condições para que operários, camponeses e soldados pudessem reconstruir materialmente o país ao passo que também construiriam a ordem socialista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolução Russa sempre me chamou muito atenção, por ser um movimento pensado e colocado em prática pelas classes populares. Ao me debruçar sobre esse tema, sempre me recordava ao patrono da educação brasileira, Paulo Freire, no qual este sempre dizia que não somos sujeitos determinados e sim determinantes da história.

A história é forjada pela atuação das massas, embora tentem nos convencer todos os dias do contrário, a Revolução Russa é uma prova cabal disto. Poderíamos utilizar outros exemplos como os impactos desta nos movimentos sociais em todo mundo contribuindo para as mudanças dentro do próprio capitalismo. Isto para não analisar outros exemplos em diferentes tempos e espaços protagonizados pelas massas que antecedem esse processo político.

Neste trabalho, objetivamos mostrar como a obra “Os dez dias que abalaram o mundo” de John Reed, a produziu representações dos diferentes personagens que atuaram naquele processo revolucionário. Compreendendo as aspirações e os projetos dos soldados, camponeses e operários. Dos sujeitos ditos comuns, que foram essenciais para a Revolução.

No entanto, tamanha a importância dessa obra para a compreensão da Revolução Russa, poderia sugerir que em estudos futuros, uma análise com maior rigor e profundidade poderia ser feita, haja vista que não seja possível fazê-la aqui, em virtude das próprias limitações inerentes a uma monografia.

Como foi dito no início desse trabalho, há poucas pesquisas ou quase nenhuma. Como esse tipo de fonte é pouco priorizada, enquanto fonte primária esse trabalho já demonstra ser de grande valia por ser um acréscimo para os estudos historiográficos.

Outra obra que buscaremos analisar em pesquisas futuras, que tem suas semelhanças com de John Reed, contudo, havendo suas particularidades. É a obra de Louise Bryant, no qual foi casada com Reed. Cujo o título de sua obra é “Seis meses na Rússia vermelha, no qual essa também faz a cobertura da Revolução Russa durante o processo revolucionário e a após a conquista do poder pelos bolcheviques.

Essa obra embora bastante importante, não ganhou a mesma visibilidade e notoriedade do que a do seu esposo. Havendo uma implicação de gênero, o fato de ser uma mulher jornalista e militante, no começo do século XX. Desse modo, aprofundar a obra de John Reed “Os dez dias que abalaram o mundo” assim como também a analisando a obra de Louise Bryant “Seis meses na Rússia vermelha”, a partir de análises comparativas visando trazer contribuições do jornalismo literário para compreensão da revolução russa pode nortear pesquisas futuras.

## **FONTE HISTÓRICA**

REED, John. **Os dez dias que abalaram o mundo**. 5. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2010.

## **REFERÊNCIAS**

AARÃO, Reis Filho. **A Revolução Russa 1917-1921**. 4. ed. Brasiliense: São Paulo, 1989.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador. Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura.** 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BERMAN, MARSHAL. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Ed. Companhia das letras: São Paulo 2007.

BUSTAMANTE, Fernando. **Duas revoluções: O percurso estético-político na literatura de John Reed,** dissertação apresentada

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia.** Ed. Universidade Estadual Paulista: São Paulo 1992.

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino - imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo, Ed. Alfa-Ômega, 1980.

CFH, Leite. **Teoria, metodologia e possibilidades: Os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica.** Artigo publicado em 2015.

FITZPATRICK, Sheila. **A Revolução Russa.** 1. Ed. Todavia: São Paulo, 2017.

HILL, Christopher. **Lênin e a Revolução Russa.** 2.ed. Zahar editora: Rio de Janeiro, 1967.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos.** 2. Ed. Companhia das Letras, 1994.

HOBSBAWM, Eric. **Ecos da Marselhesa: dois séculos revêem a Revolução. Francesa.** 1 Companhia das Letras: São Paulo 1996.

LÊNIN, Vladimir. **Esquerdismo, doença infantil do comunismo.** 1. ed Expressão Popular: São Paulo, 2014.

LÊNIN, Vladimir. **O que fazer?** 1. ed. Boitempo: São Paulo 2020.

LÊNIN, Vladimir. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo.** 1.ed Expressão Popular: São Paulo 2012.

LÊNIN, Vladimir. **O Estado e a Revolução.** 1. ed. Boitempo: São Paulo, 2017.

LOSURDO, Domenico. **Guerra e Revolução: o mundo um século após outubro de 1917.** Ed. Boitempo: São Paulo, 2017.

PINSKY, Carla Bassaneze et al: **Fontes históricas**. 2. Ed. São Paulo, Contexto, 2008.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. **Teoria, metodologia e possibilidades**: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. *ESCRITAS* Vol. 7 n.1 (2015)

LOSURDO, Domenico. A revolução russa e o revisionismo histórico. Artigo publicado pela Boitempo 2017.

LUXEMBURGO, Rosa. Art **Revolução Russa**. Ed. Forum: Rio de Janeiro, Petrópolis 1991.

LUXEMBURGO, Rosa. Art **Questão de organização da social democracia russa**. Ed. Forum: Rio de Janeiro, Petrópolis 1991.

MAKHNO, Nestor. **A Revolução contra a Revolução**. Ed.Cortez: São Paulo, 1981.

PENA, Felipe. Artigo, ***O jornalismo Literário como gênero e conceito***. Publicado em 2005.

REED, John. **México Insurrecto**. 1. Ed. Fronteira: Portugal, 1977.

REED, John. Guerra dos Bálcãs. Ed. Conrad: São Paulo, 2022.

RICHARD, Pipes **A história concisa da revolução russa**. 5.ed. Record: Rio de Janeiro, 1997.

TRÓTSKI, Leon. **A Revolução de Outubro**. 2. ed Boitempo: São Paulo 2017.

TRÓTSKY, LEON. **A história da Revolução Russa**. Ed. do centenário: Brasília 2017.